

MEDITAÇÕES *TEMPO DO NATAL*



EDITADO POR 

**MEDITAÇÕES
TEMPO DO NATAL**

FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM

opusdei.org/pt-pt

Meditações Tempo do Natal

1. 25 de dezembro, Natal do Senhor
2. Sagrada Família
3. 26 de dezembro, Santo Estêvão, protomártir
4. 27 de dezembro, São João, Apóstolo e Evangelista
5. 28 de dezembro, Santos Inocentes
6. 29 de dezembro, 5º dia da Oitava do Natal
7. 30 de dezembro, 6º dia da Oitava do Natal
8. 31 de dezembro, 7º dia da Oitava do Natal
9. 1 de janeiro, Santa Maria, Mãe de Deus
10. Epifania
11. 2 de janeiro
12. 3 de janeiro, Santíssimo Nome de Jesus
13. II domingo do Natal
14. Terça-feira depois da Epifania
15. 4 de janeiro
16. Quarta-feira depois da Epifania
17. 5 de janeiro
18. Quinta-feira depois da Epifania
19. 7 de janeiro
20. Sexta-feira depois da Epifania
21. Sábado depois da Epifania

22. Batismo do Senhor

25 de dezembro, Natal do Senhor

Reflexão para meditar no dia 25 de dezembro, Solenidade do Natal do Senhor. Os temas propostos são: Contemplar com fé o mistério do Natal; Deus quis necessitar dos homens; A nossa contemplação perante o presépio.

Sumário

- Contemplar com fé o mistério do Natal
- Deus quis necessitar dos homens
- A nossa contemplação perante o presépio

«NASCEU-NOS UM MENINO, foi-nos dado um Filho!»^[1]. Cumpriram-se os anseios que tivemos durante o Advento: Deus fez-Se homem. O mundo não está às escuras. Jesus veio, e «todos os confins da terra viram a salvação do nosso Deus»^[2].

Um Menino sorri perante a nossa adoração silenciosa. O nosso olhar cruza-se com o do recém-nascido. Tudo é luz e olhar limpo que entra na nossa alma e dissipa as trevas do pecado. S. Josemaria recomendava «ver o Menino, nosso Amor, no Seu berço. Olhar para Ele, sabendo que estamos perante um mistério. Precisamos de aceitar o mistério pela fé, aprofundar o seu conteúdo. Para isso necessitamos das disposições humildes da alma cristã: não pretender reduzir a grandeza de Deus aos nossos pobres conceitos, às nossas explicações humanas, mas compreender que esse mistério, na sua obscuridade, é uma luz que guia a vida dos homens»^[3]. Os céus e a terra foram criados pelo Menino que jaz na manjedoura. Ele fundou a redondeza do orbe e a sua plenitude. Que loucura de amor a de Jesus! O que vive no céu reclinase sobre a palha; Aquele que tudo enche e sustenta com a Sua presença fez-Se carne como a nossa. Podemos pegar ao colo d'Aquele que nos criou: este é o grande mistério que o Natal nos mostra.

Existem rumores de festa. Vinde e vede, disseram-nos; vinde e vereis a maravilha. Pastores e reis, ricos e pobres, poderosos e fracos, apertam-se em torno do berço. Também nós queremos aproximar-nos, prostrar-nos perante esta criatura indefesa, olhar para Maria e José, cansados, mas felizes como talvez não tenha havido ninguém na terra. Um mistério tão grande não cabe nas nossas cabeças: Deus revestiu-Se da nossa carne.

COMO gostaríamos de agradecer porque Deus Se tornou próximo, tocável, vulnerável. Ousamos beijar o Rei do universo, de quem não se poderiam fazer imagens na Antiga Aliança e, no entanto, agora tornou-Se um dos nossos. *Adeste, fideles ... Venite, adoremus ...* O nosso cantar destes dias é também um convite, um apelo. Chamaram-nos, vimos, e agora o nosso coração alegre-se: ali está Deus Menino. «Reconhece, cristão, a tua dignidade - diz S- Leão Magno -; foste feito participante da natureza divina: não te queiras degradar com a tua velha vileza. Lembra-te de que cabeça e de que corpo és membro. Lembra-te de que, arrancado do poder das trevas, foste transferido para a luz e para o reino de Deus»^[4]. O Deus Todo-Poderoso aparece-nos como um menino recém-nascido na gruta de Belém; «nem sequer nasce na casa dos pais, mas no caminho, para mostrar na realidade que nasceu como que emprestado daquela Sua humanidade que tomou»^[5].

«Quando chega o Natal, dizia S. Josemaria, gosto de contemplar as imagens do Menino Jesus. Essas figuras que nos mostram o Senhor tão apoucado, recordam-me que Deus nos chama, que o Onnipotente Se quis apresentar desvalido, quis necessitar dos homens. Do berço de Belém, Cristo diz-me a mim e diz-te a ti que precisa de nós; reclama de nós uma vida cristã sem hesitações, uma vida de entrega, de trabalho, de alegria. Não conseguiremos jamais o verdadeiro bom humor se não imitarmos deveras Jesus, se não formos humildes como Ele. Insistirei de novo: vedes onde se oculta a grandeza de Deus? Num presépio, nuns paninhos, numa gruta. A eficácia redentora das nossas vidas só se pode dar com humildade, deixando de pensar em nós mesmos e sentindo a responsabilidade de ajudar os outros»^[6].

ADORAREMOS ESSE DEUS escondido, nestes dias, de cada vez que nos aproximarmos para beijar e acariciar o Menino. Fez-Se pobre por nós, nas palhas deitado; dar-Lhe-emos calor, abraçá-l’O-emos com carinho. Quem não se aproxima de Deus! Quem não se aproxima do Menino, agora que nos estende os braços, agora que necessita dos nossos cuidados! Nestes dias, não teremos olhos senão para aquele nascimento. Como os pastores, deixado o rebanho, aproximamo-nos humildemente do berço.

São dias para viver em família, especialmente propícios à contemplação. Podemos rezar diante do presépio e adorar Deus em silêncio. Purificam-se tantas coisas durante uns dias em que os atos de amor são tão intensos! «Conservai no vosso Natal – dizia S. Paulo VI – o carácter de uma festa em casa. Cristo ao vir ao mundo santificou a vida humana, na sua primeira idade, a infância; santificou a família e principalmente a maternidade; santificou o lar humano, ninho dos afetos naturais mais queridos e universais (...). Procurai celebrar o vosso Natal, se possível, com os vossos seres queridos, dai o presente do vosso afeto, da vossa fidelidade àquela família de quem recebestes a existência»^[7].

Diante do presépio, junto a Maria e José, vemos que «Deus não te ama, porque pensas certo e te comportas bem; ama-te... e basta! O Seu amor é incondicional, não depende de ti. Podes ter ideias erradas, podes tê-las combinado de todas as cores, mas o Senhor não desiste de te querer bem. Quantas vezes pensamos que Deus é bom, se formos bons; e castiga-nos, se formos maus; mas não é assim! Nos nossos pecados, continua a amar-nos. O Seu amor não muda, não é melindroso; é fiel, é paciente. Eis o dom que encontramos no Natal: com maravilha, descobrimos que no Senhor está toda a gratuidade possível, toda a ternura possível. A Sua glória não nos encandeia, nem a Sua presença nos assusta. Nasce pobre de tudo, para nos conquistar com a riqueza do Seu amor»^[8]. A Santíssima Virgem e S. José são a nossa primeira família com quem queremos viver este novo Natal.

NOTAS

[1] Antífona da Entrada da Missa do dia do Natal do Senhor.

[2] Antífona da Comunhão da Missa do dia do Natal do Senhor.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 13

[4] S. Leão Magno, Sermão I sobre a Natividade do Senhor, 3.

[5] S. Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, 8.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 18.

[7] S. Paulo VI, Audiência Geral, 18/12/1963.

[8] Francisco, Homilia, 24/12/2019.

Sagrada Família

Reflexão para meditar no domingo dentro da Oitava de Natal, Festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José. Os temas propostos são: A família no plano de Deus; Berço de todos os dons; O nosso primeiro apostolado.

Sumário

- A família no plano de Deus.
- Berço de todos os dons.
- O nosso primeiro apostolado.

«Seu pai e Sua mãe estavam admirados com as coisas que d’Ele se diziam» (Lc 2, 33). E assim estamos nós também: maravilhados por Deus se ter tornado um filho, por ter precisado de uma família. Nela aprendemos a deixar-nos amar, a deixar-nos ajudar, a deixar-nos perdoar. Muitos recebemos amor e cuidados bem antes de podermos ter consciência disso. Nunca seremos capazes de *o retribuir*, e isso acontece geração após geração. Não é um peso que incomoda, mas uma realidade que nos enche de gratidão e nos impele a corresponder. Agradecemos-Te, Senhor, pela família que nos deste, a cada um!

«Honra teu pai de todo o coração e não te esqueças das dores da tua mãe; lembra-te que eles te geraram» (Sir 7, 29-30), diz a Sagrada Escritura. Temos um dever de gratidão para com aqueles que tomaram conta de nós quando nem sequer lhes podíamos agradecer. É justo que os nossos pais partilhem a nossa alegria. Foram muitas vezes eles que plantaram a semente da fé e da vida interior nas nossas vidas.

S. Josemaria coloca-nos perante a missão insubstituível de cada família: «Quando penso nos lares cristãos, gosto de os imaginar luminosos e alegres, como foi o da Sagrada Família. A mensagem de Natal ressoa com toda a sua força: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra às pessoas de boa vontade” (Lc 2, 14). “Que a paz de Cristo triunfe nos vossos corações”, escreve o

Apóstolo (Cl 3, 1 5). A paz de nos sabermos amados pelo nosso Pai Deus, incorporados a Cristo, protegidos pela Virgem Santa Maria, amparados por S. José. Esta é a grande luz que ilumina as nossas vidas e que, no meio das dificuldades e das misérias pessoais, nos anima a avançar com coragem»^[1].

O IMPORTANTE na nossa vida é saber que somos amados, e aprender a amar. E isto acontece, em primeiro lugar, dentro da nossa família. Ao mesmo tempo, é verdade que nem tudo é o ideal. Estamos todos longe de ser perfeitos. Por isso, podemos agora pedir a Jesus, Maria e José que intercedam por todas as famílias que atravessam dificuldades.

Poder-se-ia dizer que este primeiro círculo social é o berço de todos os dons. Aí nos sentimos confirmados por ser quem somos, abençoados, e descobrimos que a nossa vida é também um dom para os outros. Está inscrito nos nossos corações que todos somos filhos. Alguns são também pais, outras são mães, podemos ter irmãs ou irmãos... mas todos somos filha ou filho. A vida foi-nos doada, e há alguém à nossa espera. Mesmo nas situações mais difíceis, a condição de filho tem tanta força que normalmente continua a ser um caminho privilegiado para encontrarmos Deus, Pai.

«O Natal considera-se a festa da família. O facto de nos reunirmos e de trocarmos presentes sublinha o forte desejo de comunhão recíproca e destaca os valores mais elevados da instituição familiar. A família redescobre-se como uma comunhão de amor entre pessoas, fundada sobre a verdade, a caridade, na fidelidade indissolúvel dos esposos e no acolhimento da vida. À luz do Natal, a família compreende a sua vocação para ser uma comunidade de projetos, de solidariedade, de perdão e de fé, onde a pessoa não perde a sua identidade, mas antes, cooperando com os seus dons específicos, contribui para o crescimento de todos. Assim aconteceu na Sagrada Família, que a fé apresenta como princípio e modelo das famílias iluminadas por Cristo»^[2].

EM BELÉM, Deus tornou-se um de nós. Quer viver a nossa história, o nosso caminho e a nossa liberdade. «A família é um sinal cristológico,

porque manifesta a proximidade de Deus, que partilha a vida do ser humano, unindo-se a ele na Encarnação, na Cruz e na Ressurreição»^[3]. É tal a força da família que podemos ter sempre esperança. A capacidade de transformação e de cura que o amor tem na família é capaz de superar todas as dificuldades, por muito esmagadoras que pareçam. As nossas famílias são o lugar escolhido por Deus para nos dar todos os Seus dons: o primeiro de todos, a vida, e com ela, a fé, a vocação, um nome, a educação, o temperamento, a linguagem, um lugar a que pertencemos... Este grande desafio levou S. João Paulo II a incluir uma invocação à Rainha da Família na Ladainha do Terço. Desde então, milhões de vozes e de corações têm pedido a Nossa Senhora que proteja as famílias de todo o mundo, para que todas elas possam ser esse berço onde a humanidade continuamente se renova.

Os nossos pais e irmãos são da nossa carne e do mesmo sangue, e por eles deve começar a nossa preocupação apostólica. Assim começou o apostolado dos primeiros discípulos de Cristo. «André encontrou primeiro o seu irmão Simão e disse-lhe: encontrámos o Messias, que significa: "Cristo". E levou-o a Jesus» (Jo 1, 41-42). E João, que com André foi o primeiro a aproximar-se do Senhor, comunicou a descoberta ao seu irmão Tiago e preparou-o para quando Jesus Cristo o encontrasse, no meio das redes, e o chamasse ao Seu serviço. É natural que S. Josemaria chamasse o *dulcíssimo preceito* ao mandamento de Moisés de honrar a própria família.

Com Maria e com José, queremos encher-nos de admiração. Em Belém, Deus desceu a cada família, especialmente às mais feridas, para nos curar, para nos acompanhar e descobrir connosco o papel decisivo que ela tem, para cada filho e para Jesus.

NOTAS

[1] S. Josemaria, Cristo que passa, n. 22.

[2] João Paulo II, Audiência Geral, 29/12/1999.

[3] Francisco, *Amoris Laetitia*, n. 161.

26 de dezembro, Santo Estêvão, protomártir

Reflexão para meditar no dia 26 de dezembro, Festa de Sto. Estêvão, Primeiro Mártir. Os temas propostos são: o martírio de Santo Estêvão e a nossa missão; a proposta cristã é sempre nova; semeadores de paz e de alegria pela caridade.

Sumário

- O martírio de Sto. Estêvão e a nossa missão
- A proposta cristã é sempre nova
- Semeadores de paz e de alegria pela caridade

«CHEIO de graça e força, Estêvão fazia extraordinários milagres e prodígios entre o povo» (At 6, 8). O número dos que acreditavam na doutrina de Jesus Cristo era cada vez maior. No entanto, muitos – fosse porque não conheciam Cristo ou, porque o conheciam mal – não consideraram Jesus como o salvador. «Vieram para discutir com Estêvão; mas era-lhes impossível resistir à sabedoria e ao Espírito com que ele falava. Subornaram, então, uns homens para dizerem: “Ouvimo-lo proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus”» (At 6, 9-11). Sto. Estêvão foi o primeiro mártir do cristianismo. Morreu cheio do Espírito Santo, a rezar pelos que o apedrejavam. «Ontem, Cristo foi envolto em paninhos por nós; hoje, Ele cobre Estêvão com a veste da imortalidade. Ontem, a estreiteza de um presépio susteve Cristo menino; hoje, a imensidade do Céu recebeu Estêvão triunfante. O Senhor desceu para elevar a muitos; o nosso Rei humilhou-se para exaltar os seus soldados»^[1].

Também nós recebemos a apaixonante missão de difundir o anúncio de Jesus Cristo com as nossas palavras e sobretudo com a nossa vida, mostrando a alegria do Evangelho. Talvez S. Paulo, presente naquele acontecimento, tenha sido tocado pelo testemunho de Estêvão e, já seguidor de Cristo, daí tenha retirado a força para a sua própria missão.

«O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros (...). Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, «a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! (...) E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo»^[2].

«APRESENTARAM falsas testemunhas que declararam: “Este homem não cessa de falar contra este Lugar Santo e contra a Lei”» (At 6, 13). Apesar de hoje, como nos tempos de Santo Estêvão, algumas vezes a doutrina cristã poder ser desfigurada, sempre podemos mostrar a sua eterna novidade através da nossa própria vida: «A proposta cristã nunca envelhece (...). Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre "nova"»^[3].

Santo Estêvão enfrentou a morte em defesa de Cristo, cheio de misericórdia e pedindo pela salvação dos que o apedrejavam. Diz uma das leituras do ofício divino de hoje: «O nosso Rei, o Altíssimo, veio por nós na humildade, mas não pôde vir de mãos vazias. Trouxe para seus soldados um grande dom, que não apenas os enriqueceu imensamente, mas deu-lhes uma força invencível no combate: trouxe o dom da caridade (...) Assim, a caridade que fez Cristo descer do céu à terra, elevou Estêvão da terra ao céu. A caridade de que o Rei dera o exemplo logo refulgiu no soldado»^[4].

Nós queremos também iluminar o mundo com a alegria do Evangelho, que dá um sentido novo aos anseios e preocupações do nosso tempo. Podemos aproveitar o nosso diálogo com o Senhor para lhe pedir mais sabedoria e audácia na nossa missão. «Nisto consiste o grande apostolado da Obra: mostrar a essa multidão, que nos espera, qual a senda que leva

diretamente a Deus. Por isso, meus filhos, deveis saber-vos chamados a esta tarefa divina de proclamar as misericórdias do Senhor: *miser ricordias Domini in aeternum cantabo* (Sl 87, 2), cantarei eternamente as misericórdias do Senhor»^[5].

ESTÊVÃO «cheio do Espírito Santo e de olhos fixos no Céu, viu a glória de Deus e Jesus de pé, à direita de Deus. “Olhai, disse ele, eu vejo o Céu aberto e o Filho do Homem de pé, à direita de Deus”» (At 7, 55-56). Até ao último instante, o testemunho do primeiro mártir mostra a misericórdia de Deus que procura a nossa conversão. Foi tal a sua identificação com o Mestre, que Santo Estêvão morreu a rezar com palavras semelhantes às de Cristo: «orava, dizendo: «Senhor Jesus, recebe o meu espírito». Depois, posto de joelhos, bradou com voz forte: «Senhor, não lhes atribuas este pecado.» Dito isto, adormeceu.» (At 7, 59-60). A nossa missão apostólica também se fundamenta na oração e na penitência: «Sem a *oração*, sem a presença contínua de Deus; sem a *expição*, levada às pequenas contradições da vida quotidiana; sem tudo isso, não há, não pode haver *ação* pessoal de verdadeiro apostolado»^[6].

Santo Estêvão morreu em oração, a perdoar aos seus inimigos. Seguiu perfeitamente o exemplo do seu Senhor que, no último momento, tinha feito o mesmo com os que o crucificaram. Por esse motivo, é um modelo para a nossa missão apostólica, que pode resumir-se na aventura de «afogar o mal em abundância de bem»^[7]. Se o ambiente em que nos movemos tende a crispar-se nalgum momento, nós, filhos de Deus recordaremos que a nossa missão é a de ser «semeadores de paz e de alegria, da paz e da alegria que Cristo nos trouxe»^[8]: «Nada de fazer campanhas negativas, nem de ser anti-nada, dizia S. Josemaria. Pelo contrário: viver de afirmação, cheios de otimismo, com juventude, alegria e paz; olhar para todos com compreensão: os que seguem Cristo e os que O abandonam ou não O conhecem»^[9].

«Estêvão tinha por arma a caridade e com ela vencia em toda parte. Por amor a Deus não recuou perante a hostilidade dos judeus, por amor ao próximo intercedeu por aqueles que o apedrejavam. Por esta caridade, reprendia os que estavam no erro para que se emendassem, por caridade orava pelos que o apedrejavam para que não fossem punidos. Fortificado

pela caridade, venceu Saulo, enfurecido e cruel, e mereceu ter como companheiro no céu aquele que tivera como perseguidor na terra»^[10]. Recorramos a Santa Maria, rainha dos apóstolos: ela nos dará a caridade e a fortaleza do primeiro dos mártires.

NOTAS

[1] S. Fulgêncio de Ruspe, Sermão 3.

[2] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 9-10.

[3] *Ibid.*, n. 11.

[4] S. Fulgêncio de Ruspe, Sermão 3.

[5] S. Josemaria, *Carta 24 de março de 1930*, n. 3b.

[6] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 74, 21/07/1930.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 72.

[8] *Ibid.*, n. 30.

[9] S. Josemaria, *Sulco*, n. 864.

[10] S. Fulgêncio de Ruspe, Sermão 3.

27 de dezembro, São João, Apóstolo e Evangelista

Reflexão para meditar no dia 27 de dezembro, Festa de S. João, Apóstolo e Evangelista. Os temas propostos são: o discípulo que Jesus amava; a paciência de Deus transforma-nos; amar como Jesus ama.

Sumário

- O discípulo que Jesus amava.
- A paciência de Deus transforma-nos.
- Amar como Jesus ama.

PEDRO E JOÃO, tendo ouvido o testemunho de Maria Madalena, correram para o túmulo vazio do Senhor. Nesta passagem do Evangelho de hoje, o quarto evangelista apresenta-se como o discípulo «a quem Jesus amava» (Jo 20, 2). Porque é que João, cuja festa estamos a celebrar, foi o discípulo amado, o preferido de Cristo? Talvez por ser o mais novo, ou talvez fosse o que mais precisasse desse carinho especial... Poderá ser devido ao seu carácter ardente, ou simplesmente porque Jesus assim o quis. O que sim, sabemos, é que S. João estava convencido de ser depositário do afeto inconfundível com que o Senhor o tratava.

No entanto, todos podemos dizer que somos amados de uma forma especial, única e exclusiva por Deus. É parte do mistério do seu amor por nós. A fé assegura-nos disso, mas por vezes os nossos corações resistem um pouco a acreditar que assim é. De facto, «o Natal recorda-nos que Deus continua a amar cada pessoa. A mim, a ti, a cada um de nós, Ele diz-nos hoje: “Amo-te e amar-te-ei sempre, és precioso aos meus olhos”»^[1]. Efetivamente, como fez com S. João, «o Senhor deseja que cada um de nós seja um discípulo que viva uma amizade pessoal com Ele. Para o conseguir, não basta segui-l’O e ouvi-l’O exteriormente; precisamos também de viver com Ele e como Ele. Isto só é possível no quadro de uma relação de grande familiaridade, imbuída do calor de uma confiança total. Isto é o que sucede entre os amigos»^[2].

JOÃO ERA IMPETUOSO, e Jesus sabia-o perfeitamente quando o escolheu. Por exemplo, quando não foram recebidos na Samaria, o discípulo amado pergunta-Lhe: «Queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma?» (Lc 9, 54). Numa outra ocasião, seguro de si mesmo, contou a Jesus que tinham proibido de expulsar demónios a alguém que não ia com eles (cf. Mc 9, 38). Jesus vai ouvindo, sempre com paciência. Quantas horas terão partilhado para encaminhar aquele fogo devorador e fazer crescer na sua alma a semente da autêntica caridade. «Por vezes acontece que nos opomos à paciência com que Deus trabalha o terreno da história, e o terreno dos nossos corações, com a impaciência daqueles que julgam tudo de modo imediato: agora ou nunca, agora, agora, agora. E assim perdemos aquela virtude, a "pequena", mas a mais formosa: a esperança»^[3].

João aprendeu bem as lições do Mestre porque se sabia amado. Os Evangelhos permitem-nos rastrear a mudança que se foi operando em João. Na corrida ao sepulcro que lemos hoje, por exemplo, vemo-lo menos inflamado, tem a deferência de esperar que Pedro entre: «Então também o outro discípulo, que tinha vindo mais cedo ao túmulo, entrou, viu e acreditou» (Jo 20, 8). No final da sua vida, repetirá incansavelmente aos primeiros cristãos aquilo que constitui a essência da mensagem do Evangelho: «Queridíssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus, e todo aquele que ama nasce de Deus e conhece Deus» (1Jo 4, 7). S. Jerónimo relata como os discípulos de S. João lhe perguntaram, no final da sua vida, porque é que ele repetia tanto isto; e ele conta como o evangelista respondeu: «Porque este é o preceito do Senhor, e só o seu cumprimento é mais do que suficiente»^[4].

«QUEREI-VOS muito uns aos outros – repetia S. Josemaria –. E ao dizer isto, digo-vos o que está na entranha do cristianismo: *Deus caritas est* (1Jo 4, 8), Deus é carinho. Lembrais-vos daquele João (...)?» Então, o fundador do Opus Dei recordava o que o apóstolo dizia quando já era «velho, velho, velho, apesar de que ele se deveria sentir jovem, jovem»^[5]: que a mensagem cristã se resume «não em que tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou primeiro e enviou o Seu Filho como propiciação

pelos nossos pecados» (1Jo 4, 10). Por isso, aos olhos de um cristão, todas as pessoas são destinatárias do carinho infinito de Deus.

«Deus precedeu-nos com o dom do seu Filho. Uma e outra vez, nos precede de forma inesperada (...). Ele volta a começar connosco sempre de novo. Não obstante, espera que amemos com Ele. Ele ama-nos para que nos possamos tornar pessoas que amam juntamente com Ele e assim haja paz na terra»^[6]. Depois de desejar uma chuva de fogo que devorasse a cidade de Samaria, João relata a cena de Jesus e da mulher samaritana. Ele é o único evangelista que o faz. Talvez este relato tenha sido fruto de uma das suas muitas conversas com o Mestre, que lhe quis explicar porque deveria amar a todos, tal como Deus Pai os ama.

João é, finalmente, o discípulo que recebe de Jesus a doce tarefa de cuidar da Virgem Maria. Quem cuidou de quem? Certamente ambos cumpriram a sua missão cheios de alegria e gratidão. Maria, que contemplou todas as pessoas através do seu Filho, amou João cumprindo a última vontade de Jesus. Podemos voltar-nos para Ela e para São João para que Deus ponha nos nossos corações aquele amor que se torna frutuoso nos outros.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 24/12/2019.

[2] Bento XVI, 05/07/2006.

[3] Francisco, 02/02/2021.

[4] S. Jerónimo, *Comentário sobre a Epístola aos Gálatas*, 3, 6.

[5] S. Josemaria, Notas tomadas numa reunião familiar, 19/03/1964.

[6] Bento XVI, 24/12/2010.

28 de dezembro, Santos Inocentes

Reflexão para meditar no dia 28 de dezembro, Festa dos Santos Inocentes, mártires. Os temas propostos são: as circunstâncias em que Jesus veio; S. José atua com fé e com realismo; os Inocentes e a dor das mães.

Sumário

- As circunstâncias em que Jesus veio
- S. José atua com fé e com realismo
- Os Inocentes e a dor das mães

«LEVANTA-TE, toma o menino e a sua mãe, foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o menino para o matar» (Mt 2, 13). Com estas poucas palavras, o anjo acorda José para que salve a vida do Menino Jesus. Talvez nos tenha chamado a atenção que desta vez o relato não começasse por um consolador *não temas*; desta vez há mesmo motivos para temer porque o que está quase a acontecer é dramático. Um rei, por inveja e medo, procura Cristo para o matar. Jesus encontra inimigos quando ainda é uma criança frágil.

José, no entanto, não se deixa dominar pelo medo e acorda delicadamente Maria. Ainda ontem usufruíram da visita dos Magos. O cheiro a incenso e o brilho do ouro que lhes ofereceram continuam a encher o lugar em que descansam. E, no entanto, já é necessário fugir, sair sem chamar a atenção.

Podemos aprender com os contrastes desta cena evangélica, ao não perder de vista as circunstâncias sofredoras em que Deus se quis fazer Menino.

«Contemplar o presépio é também contemplar este pranto, é também aprender a escutar o que acontece em redor e ter um coração sensível e

aberto à dor do próximo (...). Contemplar o presépio isolando-o da vida que o circunda seria fazer do Natal uma linda fábula que despertaria em nós bons sentimentos, mas privar-nos-ia da força criadora da Boa Nova que o Verbo Encarnado nos quer dar. E a tentação existe»^[1].

NO CORAÇÃO de Maria começa a estar presente a profecia de Simeão: «Uma espada trespassará a tua alma» (Lc 2, 35). A Mãe de Cristo está a habituar-se a partir rapidamente, sem precipitação, mas sem demoras desnecessárias. Desta vez também não teve tempo para se despedir. Porque é que Jesus é uma ameaça para Herodes? Maria e José talvez não compreendam, mas não julgam os planos divinos. Não se revoltam. Rezam antes de sair para que Deus os proteja e os abençoe nesta nova viagem. As dificuldades não lhes obscurecem o olhar, embora temam pelo Menino.

Talvez José seja, uma vez mais, assaltado pela mesma incerteza de ocasiões anteriores: perante a gravidez de Maria, quando partiram para Belém poucos dias antes de dar à luz, a falta de lugar na pousada e agora a necessidade de fugir a meio da noite. S. Josemaria impressionava-se perante a sua reação: «Vistes que homem de fé? (...) Como obedece! “Toma o Menino e a sua Mãe e foge para o Egito”, ordena-lhe o mensageiro divino. E faz isso. Crê na obra do Espírito Santo!»^[2]. O pai terreno de Jesus assumiu a sua missão e sabe que um minuto de atraso pode ser prejudicial. Contempla Maria absolutamente abandonada em Deus e nele, e assim decidem partir no meio da escuridão.

«O primeiro chamado a guardar a alegria da Salvação foi S. José. Perante os crimes atrozes que estavam a acontecer, S. José – exemplo de homem obediente e fiel – foi capaz de ouvir a voz de Deus e a missão que o Pai lhe confiava. E porque soube ouvir a voz de Deus e se deixou guiar pela sua vontade, tornou-se mais sensível àquilo que o rodeava e soube ler, com realismo, os acontecimentos (...). E precisamos de coragem, como S. José, para aceitar esta realidade, levantar-nos e meter-lhe mãos»^[3].

POR ORDEM de Herodes, um pelotão de soldados sai de Jerusalém para «matar todos os meninos que havia em Belém e toda a sua comarca, de

dois anos para baixo, conforme o tempo que cuidadosamente tinha averiguado dos Magos» (Mt 2, 16). Toda a cidade de David se enche do queixume de umas criaturas inocentes e da dor das mães. «Cumpriu-se então o que o profeta Jeremias dissera: ouviu-se uma voz em Ramá, pranto e grande lamentação: é Raquel que chora os seus filhos, e não quer ser consolada, porque já não existem» (Mt 2, 17-18).

Como é que uma criatura indefesa pode despertar tanta violência? Esses meninos deram a vida por Jesus^[4]. Morrem sem sequer saber que morrem. As mães veem truncadas aquelas vidas inocentes e não sabem porquê. Aparentemente não há explicação para este acontecimento; representa o sofrimento à primeira vista inútil e injusto de uns meninos que selam com as suas vidas a verdade que ainda não conhecem. Maria talvez imagine estas mães desfeitas pela dor, sem lágrimas suficientes para chorar tanto sofrimento. Não entende, mas sabe que tem um sentido e possivelmente começa a vislumbrar que os planos de Deus não se realizarão sem muito sacrifício.

A linguagem emudece perante semelhante sofrimento. Maria acolhe-o no seu coração e conserva essa recordação durante toda a vida. Aqueles Inocentes deram testemunho de Cristo, «*non loquendo sed moriendo*»^[5], não falando, mas sofrendo, como «primícias para Deus e para o Cordeiro» (Ap 14, 4). Talvez, passados anos, Maria tenha encontrado alguma daquelas mulheres de Belém. Não seria fácil consolá-las, mas de certeza que tinha palavras para serenar e curar esses corações: as vidas daqueles Santos Inocentes unir-se-iam à do seu Filho.

NOTAS

[1] Francisco, Carta aos Bispos na Festa dos Santos Inocentes, 28/12/2016.

[2] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, meditação “S. José, nosso Pai e Senhor”, n. 3.

[3] Francisco, Carta aos Bispos na Festa dos Santos Inocentes, 28/12/2016.

[4] cf. Sto. Agostinho, Sermão 373 na Epifania.

[5] Oração Coleta da Missa.

29 de dezembro, 5º dia da Oitava do Natal

Reflexão para meditar no dia 29 de dezembro. Os temas propostos são: a vocação de Simeão para a esperança; encontrar Jesus na Eucaristia; uma espada trespassará a tua alma.

Sumário

- A vocação de Simeão para a esperança.
- Encontrar Jesus na Eucaristia.
- Uma espada trespassará a tua alma.

O ESPÍRITO SANTO tinha revelado a Simeão que não morreria sem ter visto o Messias. Não é fácil imaginar de que modo lho tinha comunicado. Podemos dizer que Simeão tem uma vocação para a esperança e, em certo sentido, também nós estamos chamados a ela. Todos esperamos ver as obras do Messias: a sua graça que salva, a alegria e o gozo da redenção já nesta terra. Em Simeão, todos recebemos uma promessa de salvação que se cumpre aqui em baixo, nesta terra, para os nossos olhos e para os nossos ouvidos. O Messias não está longe; desceu à terra, fez-se um de nós, podemos tocá-l'O.

Também não sabemos como Simeão descobriu o Menino. No Evangelho, não se fala de nenhum sinal exterior. Tudo parece indicar que foi o próprio Espírito que inspirou a Simeão encontrá-l'O. Estavam ali Maria e José com o seu primogénito. Era espantoso que Deus se fizesse um Menino, era impensável que Deus fosse filho de uma jovem aparentemente tão normal. Nada a diferenciava das outras mulheres que os rodeavam, que também aí se dirigiam com os seus filhos primogénitos para se purificar. Maria, embora não o necessitasse, ali estava, como uma mais, cumprindo por amor e não por obrigação os mandatos do Senhor. Do mesmo modo, o seu filho, Jesus, também não tinha por que pagar pelos pecados dos homens, mas carregou com as nossas debilidades.

Podemos ficar desconcertados pelo modo como Deus se mostrou e se nos mostra todos os dias. Podemos ceder à dispersão e não O descobrir quando passa perto de nós. Muitos O confundiram com mais um dos habitantes de Nazaré, um de tantos visitantes do templo. A vinda do Messias e o seu plano para salvar todos os homens são discretos, profundos e delicados. Deus não se impõe e, por isso, quis tomar a nossa carne. Podemos pedir a Deus que, como Simeão, abramos os olhos para contemplar a redenção que se está a fazer.

«AGORA, Senhor, podes deixar o teu servo partir em paz, segundo a tua palavra: porque os meus olhos viram a tua salvação» (Lc 2, 29-30). Estamos atentos para descobrir a salvação de Deus, a sua ação escondida e silenciosa, em tudo o que nos rodeia? Na Missa participamos de maneira direta na salvação levada a cabo por Jesus. Tocamos a sua graça e apropriamo-nos dos seus méritos. Comemos o seu corpo e bebemos o seu sangue, do qual «uma só gota pode salvar do pecado todo o mundo»^[1].

Simeão só viu o Menino uma vez. Toda uma vida de espera mereceu a pena por esse instante. A nós, pelo contrário, pode acontecer que, como Deus quis ficar tão perto na Eucaristia, nos tenhamos acostumado a *tocar* a salvação. Parece-nos demasiado normal, demasiado parecido cada dia. Por vezes gostávamos de uma encenação mais espetacular. Perante esta tentação, podemos imitar os pastores que estavam de vigia perto de Belém. Eram «pessoas que estavam à espera de Deus e não se resignavam com o aparente afastamento d'Ele na vida de cada dia. A um coração vigilante pode ser dirigida a mensagem da grande alegria: esta noite nasceu para vós o Salvador. Só o coração vigilante é capaz de crer na mensagem. Só o coração vigilante pode inculcar a coragem de se pôr a caminho para encontrar Deus nas condições de uma criança num estábulo»^[2].

«Quantos anos a comungar diariamente! – Outro seria santo – disseste-me – e eu, sempre na mesma»^[3]. Estamos convencidos de que o divino é irresistível, entusiasmante, e por isso pode causar-nos dor a nossa aparente frieza. Mas Deus também conta com ela. Simeão, por exemplo, preparava-se todos os dias para receber o Messias; cada vez tinha mais desejos de O ver, cada dia podia ser decisivo. O Santo Cura d'Ars prevenia-nos contra a

nostalgia do extraordinário: «Mais ditosos do que os santos do Antigo Testamento, não somente possuímos Deus pela grandeza da sua imensidade, em virtude da qual se encontra em todo o lado, mas temo-Lo conosco como esteve no seio de Maria durante nove meses, como esteve na cruz. Mais afortunados ainda do que os primeiros cristãos, que faziam cinquenta ou sessenta léguas de caminho para ter a dita de O ver; nós temo-l'O em cada paróquia, cada paróquia pode desfrutar à sua vontade de tão doce companhia. Oh, feliz povo!»^[4].

A ESPADA cravada no coração da Mãe de Jesus é um contraponto impressionante numa cena onde tudo emana alegria e esperança. É a sombra que realça o real da cena. «Maria, pelo contrário, perante a profecia da espada que lhe atravessará a alma, não diz nada. Acolhe em silêncio, tal como José, essas palavras misteriosas que fazem prever uma prova muito dolorosa e exprimem o significado mais autêntico da apresentação de Jesus no templo. Com efeito, segundo o plano divino, o sacrifício então oferecido de “um par de rolas ou dois pombinhos, conforme o que está escrito na Lei do Senhor” (Lc 2, 24), era um preâmbulo do sacrifício de Jesus»^[5].

A nossa vida também é um quadro com luzes e sombras, um entrelaçado de esperança e desânimo, de luta e derrotas. Deus sabe que é assim e é nessa aparente fragilidade que aparece mais próximo. Deus rejeita decididamente a ficção de um mundo perfeito, acabado e sem problemas; encontra-se na fragilidade do quotidiano, no que parece *sem brilho*. Esta aposta divina pela normalidade pode parecer estranha a muitas almas, mas é a consequência da sua opção pela liberdade. Deus não levanta a voz, não força a entrada nas nossas vidas. O sinal que o Natal nos oferece é «a humildade de Deus levada ao extremo (...). Deus que nos fixa com olhos cheios de afeto, que aceita a nossa miséria, Deus enamorado da nossa pequenez»^[6].

A Virgem, nossa Mãe, também aprendeu a descobrir Deus no seu filho recém-nascido. As suas lágrimas, a sua fome e o seu sono são divinos e são, por isso, a nossa redenção. «A partir da profecia de Simeão, Maria une de modo intenso e misterioso a sua vida à missão dolorosa de Cristo: irá

converter-se na fiel cooperadora de seu Filho para a salvação do género humano»^[7].

NOTAS

[1] Hino *Adoro te devote*.

[2] Bento XVI, Homilia, 24/12/2008.

[3] S. Josemaria, *Caminho* n. 534.

[4] Santo Cura d'Ars, *Sermão sobre o Corpus Christi*.

[5] S. João Paulo II, Audiência geral, 18/12/1996.

[6] Francisco, Homilia, 24/12/2014.

[7] S. João Paulo II, Audiência geral, 18/12/1996.

30 de dezembro, 6º dia da Oitava do Natal

Reflexão para meditar no dia 30 de dezembro. Os temas propostos são: Ana, a profetisa, anuncia a chegada do Messias; Jesus crescia como uma criança igual às outras; o tempo de Deus.

Sumário

- Ana, a profetisa, anuncia a chegada do Messias.
- Jesus crescia como uma criança igual às outras.
- O tempo de Deus.

«ENQUANTO um profundo silêncio envolvia o universo e a noite ia no meio do seu curso, desceu do Céu, ó Deus, do seu trono real, a vossa palavra onnipotente» (Sb 18, 14-15).

Assim começa a antífona de entrada da Missa de hoje. Nesta Oitava de Natal queremos viver deste facto prodigioso: Deus enviou-nos a Sua Palavra, feita carne, é um de nós. Gostaríamos de agradecer à Santíssima Trindade tudo o que aconteceu. Unimos a nossa voz à dos anjos que cantam sem cessar a glória de Deus, a sua felicidade, isto é, a nossa salvação. Há festa no céu, e a terra fica contagiada pela sua alegria.

Na leitura do evangelho de hoje aparece Ana, viúva há muito tempo. S. Lucas descreve-a como uma profetisa. É significativo que Deus tenha escolhido uma humilde viúva para comunicar o seu nascimento, em vez de uma personagem ilustre do povo. Todas as testemunhas do nascimento de Jesus são pessoas comuns a quem era difícil que a sociedade desse crédito.

Talvez alguns pensassem que Ana estava um pouco confusa por causa do sofrimento e da solidão causados por tantos anos de viuvez, ou, pelo rigor dos jejuns e orações. Não sabemos se acreditaram nela. Mas o Senhor quis servir-se de Ana para anunciar o nascimento do Messias. «Chegou

nesse momento e pôs-se a louvar a Deus e a falar do menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém» (Lc 2, 38).

Às vezes, Deus escolhe testemunhas que aparentemente não são muito confiáveis. Algo semelhante aconteceu com os pastores ou se repetirá anos depois, com Maria Madalena em quem os discípulos não acreditaram, «só os que têm o coração como os pequenos – o povo simples – são capazes de receber esta revelação. O coração humilde, manso, que sente a necessidade de rezar, de se abrir a Deus, porque se sente pobre»^[1].

DEPOIS DE RELATAR o encontro com Ana, o Evangelho de hoje continua a narrar que a Sagrada Família, após ter cumprido tudo o que a lei prescrevia, voltou para Nazaré. E termina com um versículo breve, mas muito profundo porque resume, em poucas palavras, grande parte da vida oculta de Jesus. «O menino crescia e tornava-se forte, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava com Ele» (Lc 2, 40). Deus assume o tempo normal de crescimento de uma criança, não tem pressa, quer fazer a redenção deste modo tão natural e discreto.

S. Josemaria, dirigindo-se a Nossa Senhora de Guadalupe no México, pedia que nos nossos corações crescessem rosas pequenas cheias do perfume do sacrifício e do amor. «Disse intencionalmente rosas pequenas, porque é o que melhor me quadra, já que na minha vida só soube ocupar-me de coisas normais, correntes, e, muitas vezes, nem sequer as soube acabar, mas tenho a certeza de que nessa conduta habitual, na de cada dia, é onde o teu Filho e Tu me esperam»^[2].

Durante trinta anos, volta a fazer-se silêncio na vida de Jesus. De modo semelhante ao anterior ao seu nascimento em Belém. Mas esse silêncio é muito eloquente porque é aí que se cumpre a nossa redenção. Depois muitos dirão «Não é este o filho do carpinteiro? Não é Maria sua mãe? Não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?» (Mt 13, 55). A naturalidade da vida diária também foi o caminho percorrido por Jesus durante a sua adolescência e juventude até à maturidade. É daí que recebemos o exemplo para a santificação do nosso trabalho e das nossas relações, do dia a dia e do que está mais perto de nós.

ESPERÁMOS nove meses para que Deus nascesse e agora vamos esperar trinta anos até começar a sua vida pública. No entanto, sabemos que a redenção se está a realizar desde o momento da Anunciação. O sim da nossa Mãe aos desígnios divinos de salvação para os homens deu início à realização do plano traçado por Deus desde a eternidade. É imparável, mas não segue o nosso ritmo. Vai devagar, mas não retrocede. «O mundo é redimido pela paciência de Deus e destruído pela impaciência dos homens»^[3]. Frequentemente somos vencidos pela rotina e não somos capazes de encontrar Deus nas coisas habituais, no que se repete no dia a dia. «Quando ouvirmos falar do nascimento de Cristo, permaneçamos em silêncio e deixemos que seja aquele Menino a falar; gravemos no nosso coração as suas palavras, sem afastar o olhar do seu rosto. Se O tomarmos nos nossos braços e nos deixarmos abraçar por Ele, dar-nos-á a paz do coração que jamais terá fim. Este Menino ensina-nos aquilo que é verdadeiramente essencial na nossa vida. Nasce na pobreza do mundo, porque, para Ele e para a sua família, não há lugar na hospedaria. Encontra abrigo e proteção num estábulo e é deitado numa manjedoura para animais. E, todavia, a partir deste nada, surge a luz da glória de Deus. A partir daqui, para os homens de coração simples, começa o caminho da verdadeira libertação e do resgate perene»^[4]. A nossa salvação já começou e a fidelidade de Deus é eterna.

Ana esperou durante muitos anos a manifestação do Messias, criando na sua alma um espaço para que Deus pudesse falar. Talvez às vezes censuremos Deus pelo seu silêncio e, na verdade, somos nós quem nos rodeamos de um ruído que não nos deixa ouvi-l'O. No meio da noite e do silêncio, Deus enviou a sua Palavra e é definitiva. Não se arrependerá da sua aliança. Foi Maria quem guardou esse silêncio, essa normalidade, durante nove meses e depois: podemos pedir-lhe ajuda e companhia no nosso silêncio, porque também não queremos perder a manifestação do seu Filho.

NOTAS

[1] Francisco, Meditações matutinas, 02/12/2014.

[2] S. Josemaria, Oração pessoal diante de Nossa Senhora de Guadalupe, 20/05/1970.

[3] Bento XVI, Homilia, 24/12/2005.

[4] Francisco, Homilia, 24/12/2015.

31 de dezembro, 7º dia da Oitava do Natal

Reflexão para meditar no dia 31 de dezembro. Os temas propostos são: o fim do ano, ocasião para fazer balanço; levar até ao Senhor o que somos; obrigado, perdão, ajuda-me mais.

Sumário

- O fim do ano, ocasião para fazer balanço.
- Levar até ao Senhor o que somos.
- Obrigado, perdão, ajuda-me mais.

O PRÓLOGO do evangelho de S. João que lemos na Missa é como um resumo do Natal. Diz-nos que enquanto umas pessoas recebem o Filho de Deus e se convertem em filhos adotivos, outras ignoram-No e ficam nas trevas. Hoje, no último dia do ano, queremos pôr toda a nossa vida diante desse Menino que nasceu para nós, o nosso Salvador. É um bom momento para recapitular, para fazer balanço, e sobretudo, para agradecer a Deus que quis estar sempre ao nosso lado.

Cada ano que passa aproximamo-nos um pouco mais do céu. Podemos pedir ao Espírito Santo que nos ilumine para fazermos um exame geral deste tempo que passou e que nos aproxima de Deus. Pudemos crescer, como Jesus, «em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52). Um ano mais em que o Senhor, neste último dia, quer dizer a cada um de nós aquelas palavras do Evangelho: «Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor» (Mt 25, 21).

Gostaríamos disto hoje: passar os nossos dias em Belém, com Jesus, Maria e José, para ver a nossa vida a partir de Deus; entrar nos seus sentimentos, no seu pensamento e na sua vontade, e assim encher o nosso coração de um agradecimento sem fim. Desejamos poder dizer, com palavras do Evangelho da Missa, que «o Verbo fez-se carne e habitou entre

nós. Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como Filho Unigénito, cheio de graça e de verdade (...). Na verdade, foi da sua plenitude que todos nós recebemos graça sobre graça (Jo 1, 14.16).

«O VERBO fez-Se carne, e habitou entre nós» (Jo 1, 14). Queremos aproximar-nos do portal, como fizeram os pastores, com o coração rendido perante a maravilha que tinham diante dos seus olhos: «Aproximemo-nos de Deus que Se faz próximo, detenhamo-nos a olhar o presépio, imaginemos o nascimento de Jesus: a luz e a paz, a pobreza extrema e a rejeição. Entremos no verdadeiro Natal com os pastores, levemos a Jesus aquilo que somos, as nossas marginalizações, as nossas feridas não curadas, os nossos pecados. Assim, em Jesus, saborearemos o verdadeiro espírito do Natal: a beleza de ser amado por Deus. Com Maria e José, paremos diante da manjedoura, diante de Jesus que nasce como pão para a minha vida. Contemplando o seu amor humilde e infinito, digamos-Lhe pura e simplesmente obrigado: Obrigado, porque fizestes tudo isto *por mim*»^[1]. Como os pastores, queremos levar hoje a Belém tudo o que somos: tudo o que fizemos e deixámos de fazer neste ano que termina. Certamente haverá muitas coisas boas e outras que não o são. Talvez nos tenhamos aproximado um pouco mais de Deus, embora de uma forma não mensurável. Contudo, estamos certos de que «tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus» (Rm 8, 28). Por isso nos enchemos de agradecimento. Deus cuidou de nós; esteve connosco e acompanhou-nos. *Te Deum laudamus*. Louvamos-Te, Senhor, do fundo da nossa alma, damos-te graças porque és bom. E todos os dias te bendizemos. E louvamos o teu nome pelos séculos dos séculos^[2].

«OBRIGADO, perdão e ajuda-me mais». Talvez esta jaculatória, que repetia o Beato Álvaro del Portillo, nos possa servir hoje para guiar o nosso diálogo íntimo com Jesus. Santo Agostinho recomendava uma atitude constante de agradecimento, como a melhor forma de viver: «Há coisa melhor do que podermos trazer no coração, pronunciar com a boca, escrever com a pena, estas palavras, “Graças a Deus”? Não há nada que possa ser dito mais brevemente, nem ouvido com maior alegria, nem sentido com maior elevação, nem feito com maior utilidade»^[3].

«Hoje é o dia justo para nos aproximarmos do sacrário, do presépio, da manjedoura, e dizermos obrigado. Acolhamos o dom que é Jesus, para depois *nos tornarmos dom* como Jesus. Tornar-se dom é dar sentido à vida, sendo este o melhor modo para mudar o mundo: nós mudamos, a Igreja muda, a história muda, quando começamos a querer mudar, não os outros, mas a nós mesmos, fazendo da nossa vida um dom»^[4]. Tantos presentes de Deus, tantos dons, tantos motivos para fazer da nossa vida um dom... e, por contraste, também vemos na nossa vida a falta de correspondência. Podemos acompanhar a nossa gratidão com um pedido de perdão a Deus pelas vezes em que não fomos generosos ou por tantas ocasiões em que estivemos, simplesmente, distraídos. Sabemos bem que se nos enchermos de bons desejos nunca nos faltará a sua graça, porque «a quantos o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus» (Jo 1, 12).

Um bom objetivo para este ano que começa pode ser o de nos deixarmos ajudar mais por Deus. Não queremos fazer as coisas sozinhos. Talvez o ano que termina tenha sido testemunha de muitas tentativas nossas de contar unicamente com as próprias forças e tenhamos percebido que essa fórmula não funciona.

«Obrigado, perdão, ajuda-me! Nessas palavras expressa-se a tensão de uma existência centrada em Deus. De alguém que foi tocado pelo maior Amor e vive totalmente desse amor»^[5]. Com a ajuda da Virgem nossa Mãe, estamos entusiasmados para, durante este ano que começa, nos apoiarmos cada vez mais na graça do seu Filho.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 24/12/2016.

[2] cf. Hino *Te Deum*.

[3] Sto. Agostinho, Epístola 72.

[4] Francisco, Homilia, 24/12/2019.

[5] Francisco, Carta por ocasião da beatificação de Álvaro del Portillo, 27/12/2014.

1 de janeiro, Santa Maria, Mãe de Deus

Reflexão para meditar no dia 1 de janeiro, Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. Os temas propostos são: contemplar Maria; a maternidade de Maria; receber Jesus como Maria.

Sumário

- Contemplar Maria.
- A maternidade de Maria.
- Receber Jesus como Maria.

O EVANGELHO da festa de hoje relata como os pastores vão pressurosos ao encontro do Menino e reconhecem n'Ele o que lhes tinham anunciado os anjos. O texto está cheio de expressões de admiração, assombro e surpresa: ficam maravilhados, glorificam, louvam, ponderam... O Natal provoca em nós estes mesmos sentimentos. Queremos aproveitar tudo o que acontece no presépio para desfrutarmos do amor de Deus que se quer derramar nos nossos corações. Hoje fazemo-lo pela mão da Mãe de Deus, que é também nossa Mãe.

«Salvé, Santa Mãe, que destes à luz o Rei do céu e da terra»^[1]. A salvação do mundo começou. O Rei do universo escolheu Maria para a tornar sua Mãe. Este mistério não cabe facilmente na nossa cabeça, nem nos nossos pobres esquemas: Deus quis contar com o sim duma mulher, duma adolescente. A Virgem não se interroga por que razão havia de ser precisamente Ela a escolhida; basta-lhe saber que por detrás está Deus, que é a vontade d'Ele. E S. Josemaria converte este facto em oração: «Senhora, nossa Mãe, Nosso Senhor quis que fosses Tu, com as tuas mãos, quem cuidasse de Deus; ensina-me – ensina-nos a todos – a relacionar-nos com o teu Filho!»^[2].

Maria contagia à sua volta, nos presépios de ontem e de hoje, esta atitude de admiração. Tudo o que vê leva-a a dar graças. Nunca se detém a

fixar-se em si mesma, nos problemas, nas dificuldades. Desfruta da visita dos pastores, do carinho do seu esposo, da noite estrelada que contemplou este mistério. E à sua volta todos vivem esta atmosfera de alegria. Maria é a melhor demonstração do que Deus faz nos homens e nas mulheres que se deixam amar.

«SENHOR nosso Deus, que, pela virgindade fecunda de Maria Santíssima, destes aos homens a salvação eterna, fazei-nos sentir a intercessão daquela que nos trouxe o Autor da vida»^[3]. Assim reza a Oração Coleta da Missa de hoje. E podemos perguntar-nos: que significado tem para mim o facto de Maria ser Mãe de Deus? Como é que o experimento pessoalmente? Como nos diz o Papa Francisco, «a Mãe do Redentor caminha diante de nós e sempre nos confirma continuamente na fé, na vocação e na missão. Com o seu exemplo de humildade e disponibilidade à vontade de Deus, ajuda-nos a traduzir a nossa fé num anúncio, jubiloso e sem fronteiras, do Evangelho. Deste modo, a nossa missão será fecunda, porque está modelada pela maternidade de Maria»^[4]. A nossa relação com Deus tem como exemplo a vida de oração de Maria. E Ela está dispostíssima a ajudar-nos, pois «a Trindade Santíssima, ao escolher Maria para Mãe de Cristo, homem como nós, pôs cada um de nós sob o seu manto maternal. É Mãe de Deus e nossa Mãe»^[5].

Podemos perguntar-nos, cheios de assombro, como é possível que nos seja oferecida uma santidade como a de quem foi Mãe de Deus: «Como podemos amar Deus com toda a nossa mente, se nos custa encontrá-lo com a nossa capacidade mental? Como amá-lo com todo o nosso coração e a nossa alma, se este coração consegue entrevê-lo só de longe e contempla tantas coisas contraditórias no mundo que velam o seu rosto? (...) Ele não está mais longe. Não é mais desconhecido. Não é inalcançável para o nosso coração. Fez-se menino por nós e, com isto, dissolveu toda a ambiguidade. Deus, por nós, fez-se dom. Doou-se a si próprio. O Natal veio a ser a festa dos dons para imitar Deus que por nós doou-se a si próprio»^[6]. Se acolhemos este dom, se deixamos que o Senhor nos ofereça a sua vida, seremos também nós dom para os outros. Converter-nos-emos em presente para Deus e para os que nos rodeiam.

OS ANJOS cantam esta maravilha. Eles próprios ficam assombrados com o facto de uma mulher ter dado à luz o Filho de Deus. Não param de se surpreender e entoam o primeiro cântico de Natal da História: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados» (Lc 2, 14). Entoam este cântico de júbilo e ficam encantados a olhar para Maria, para o Menino e para Deus Pai, deslumbrado. As nossas almas ficam serenas junto do presépio e ali descobrimos o que enche Deus de complacência, o que O enamora, o que O entusiasma. Viemos a correr, mas vamos recuperando o sossego. O suave canto dos anjos é uma espécie de canção de embalar para adormecer Jesus e para nos acolher a nós.

A nossa experiência demonstrou-nos muitas vezes que não somos capazes de cumprir sempre e em tudo a vontade de Deus. No entanto, com a ajuda da Virgem podemos guardar a sua Palavra e ponderá-la no nosso coração. Isso está ao nosso alcance. Desse modo podemos estar seguros de que se cumprirá tudo quanto nos disse o Senhor, a sua Palavra pode encarnar nas nossas vidas, o seu sangue correrá nas nossas veias. Assim o assegurava S. Bernardo: «Toda a Trindade gloriosa, e a própria Pessoa do Filho recebe d'Ela a substância da carne humana, a fim de que não haja quem se esconda do seu calor»^[7].

Nesta noite fria, nós queremos aquecer-nos dentro do presépio. Gostaríamos que a escuridão e a humidade não entrassem na nossa alma. Desejamos receber Jesus com aquela pureza, humildade e devoção com que recebeu a nossa Mãe; acolher a sua Palavra com a mesma graça e com idêntica alegria para a espalharmos, como Ela, pelo mundo inteiro.

NOTAS

[1] Antífona de Entrada da Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 84.

[3] Oração Coleta.

[4] Francisco, Homilia, 01/01/2014.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 275.

[6] Bento XVI, Homilia, 24/12/2006.

[7] S. Bernardo, Homilia na Oitava da Assunção, 2.

Epifania

Reflexão para meditar no segundo domingo depois do Natal, Solenidade da Epifania. Os temas propostos são: os Reis Magos representam todas as nações; levar a Redenção a todas as almas; iluminar com a nossa própria vida.

Sumário

- Os Reis Magos representam todas as nações
- Levar a Redenção a todas as almas
- Iluminar com a nossa própria vida

«AINDA NÃO HÁ muito tempo, – dizia S. Josemaria – tive oportunidade de admirar um baixo-relevo em mármore, que representa a cena da adoração de Deus Menino pelos Reis Magos. Emoldurando esse baixo-relevo, havia outros: quatro anjos, cada um com o seu símbolo – um diadema, o mundo coroado pela cruz, uma espada e um cetro. Deste modo, utilizando símbolos bem conhecidos, ilustrava-se plasticamente o acontecimento que hoje comemoramos: uns homens sábios –reis, segundo a tradição – prostram-se diante de um Menino, depois de perguntar em Jerusalém: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?” (Mt 2, 2)»^[1].

Epifania quer dizer aparição ou manifestação. Celebramos cheios de alegria a manifestação do Senhor a todas as nações, representadas nestes Reis Magos que chegam do Oriente. Depois dos pastores, o Senhor dá-se a conhecer a estas personagens misteriosas. Na Epifania, Deus apresenta o seu Filho «aos povos gentios por meio de uma estrela»^[2]. Desvenda-se «a verdade sublime de que Deus veio para todos: todas as nações, línguas e povos são acolhidos e amados por Ele. Símbolo disso é a luz, que tudo alcança e ilumina»^[3]. O Menino recém-nascido é o Messias prometido aos israelitas, mas a sua missão redentora estende-se a todos os povos da terra.

«Celebramos Cristo, meta da peregrinação dos povos em busca da salvação»^[4].

O Evangelho conta-nos que os Magos «entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-n'O» (Mt 2, 11). Na sua adoração vemos representadas milhões de pessoas de todos os recantos da terra que se põem a caminho, chamadas por Deus, para adorar a Jesus Cristo. Este é o sentido pleno da profecia de Isaías: «Levanta-te e resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz! A glória do Senhor amanhece sobre ti!» (Is 60, 1). O profeta dirige a sua voz para a cidade santa, que representa a Igreja, a nova Jerusalém, luz das nações. De todas as partes virão reis e povos, atraídos pelos brilhos da sua glória. Mãe e mestra de todos os povos, a Igreja acolhe-os no seu seio e apresenta-os como um dote precioso a Cristo.

PASSARAM mais de vinte séculos desde a adoração dos Reis Magos e aquele longo desfile de pessoas de todo o mundo mal começou. «Hão de lembrar-se do Senhor e voltar-se para Ele todos os confins da terra; hão de prostrar-se diante dele todos os povos e nações» (Sl 22, 28). A obra evangelizadora dos primeiros cristãos foi muito profunda, espalharam a fé por todo o mundo conhecido, semearam e os frutos não tardaram a chegar. Desde então, novas pessoas aproximaram-se, e continuam a fazê-lo, de Jesus e de Maria. Da mesma maneira, chegamos também nós, de todas as latitudes, de todas as raças e línguas. «Levanta os olhos e vê à tua volta: todos esses se reuniram para vir ao teu encontro. Os teus filhos chegam de longe» (Is 60, 4).

«É necessário repetir uma e mais vezes – utilizando umas palavras de S. Josemaria – que Jesus não se dirigiu a um grupo de privilegiados, mas veio revelar-nos o amor universal de Deus. Todos os homens são amados por Deus; de todos eles espera amor, de todos, quaisquer que sejam a sua condição, a sua posição social, a sua profissão ou ofício. A vida corrente e ordinária não é coisa de pouco valor; todos os caminhos da Terra podem ser uma ocasião de encontro com Cristo, que nos chama a identificar-nos com Ele, para realizarmos – no lugar onde estamos – a sua missão divina. Deus chama-nos através dos incidentes da vida de cada dia, no sofrimento e na

alegria das pessoas com quem convivemos, nas preocupações dos nossos companheiros, nas pequenas coisas da vida familiar. Deus também nos chama através dos grandes problemas, conflitos e ideais que definem cada época histórica, atraindo o esforço e o entusiasmo de grande parte da Humanidade»^[5].

A nossa missão é a mesma que a dos primeiros cristãos: «Somos para a massa, meus filhos, para a multidão. Não há alma à qual não queiramos amar e ajudar, fazendo-nos tudo para todos: “*omnibus omnia factus sum*” (1Cor 9, 22). Não podemos viver de costas voltadas para nenhuma inquietação, para nenhuma necessidade dos homens»^[6]. Nós também vimos a estrela e o Senhor deseja chegar a todas as almas, através de cada um de nós, para oferecer o seu consolo e a sua salvação.

Nós também vimos a estrela e o Senhor deseja chegar a todas as almas, através de cada um de nós, para oferecer o seu consolo e a sua salvação»^[7]. Vivemos seguros na esperança de que este Menino seja a verdadeira luz do mundo, uma luz que brilha na humildade. E, de certa maneira, queremos parecer-nos com a estrela dos Reis Magos para assim demonstrar o caminho que conduz a Deus.

«Onde está o nosso Rei? – perguntava-se S. Josemaria na Epifania de 1956 –. Não será que Jesus quer reinar, antes de mais, no coração, no teu coração? Por isso se fez Menino: quem é capaz de ter o coração fechado para uma criança? Onde está o nosso Rei? Onde está o Cristo que o Espírito Santo procura formar na nossa alma? Cristo não pode estar na soberba, que nos separa de Deus, nem na falta de caridade, que nos isola dos homens. Aí não podemos encontrar Cristo, mas apenas a solidão.

No dia da Epifania, prostrados aos pés de Jesus Menino, diante de um Rei que não ostenta sinais externos de realeza, podeis dizer-lhe: Senhor, expulsa a soberba da minha vida, subjuga o meu amor próprio, esta minha vontade de afirmação pessoal e de imposição da minha vontade aos outros. Faz com que o fundamento da minha personalidade seja a identificação contigo»^[8].

Neste grande dia, olhemos com carinho para Belém, para aprender daqueles homens do Oriente prostrados diante do Menino. Tomando por modelo os Reis Magos, dizemos a Jesus que, com a sua ajuda, não poremos obstáculos ao seu querer redentor. Suplicamos a Maria que nos ensine a ser luz para os nossos familiares e amigos. Também lhe pedimos humildade para que Cristo viva nos nossos corações e, identificados com Ele, atrair muitos para o seu amor redentor.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 31.

[2] Oração Coleta da Missa do dia da Epifania do Senhor.

[3] Francisco, Homilia, 06/01/2019.

[4] Bento XVI, Homilia, 06/01/2007.

[5] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 110.

[6] S. Josemaria, *Carta 6 de maio de 1945*, n. 42.

[7] S. João Paulo II, *Redemptoris missio*, n. 1.

[8] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 31.

2 de janeiro

Reflexão para meditar no dia 2 de janeiro (para os anos em que a Epifania se celebra depois desta data). Os temas propostos são: A centralidade de Jesus Cristo: «Permanecei em mim»; União com Cristo; O Batista, modelo de seguimento do Senhor.

Sumário

- A centralidade de Jesus Cristo: «Permanecei em mim»
- União com Cristo
- O Batista, modelo de seguimento do Senhor.

COMEÇAMOS um novo ano. Jesus Cristo é o Senhor do tempo, da história, e queremos que também seja o centro das nossas vidas. Abre-se uma nova etapa para amar, para servir, para percorrer o caminho na sua presença. Anima-nos que também este ano «tudo gire cada vez mais em torno da sua Pessoa»^[1]. A vinda do Messias «é o acontecimento qualitativamente mais importante de toda a história, à qual confere o seu sentido último e pleno»^[2]. Ele preenche os nossos dias e toda a existência do cristão. Nestes primeiros dias, aproveitamos para confiar à sua divina Providência os sonhos e esperanças que depositamos no ano que iniciamos.

A centralidade de Jesus Cristo foi formulada pelo próprio Jesus, no Evangelho de S. João, com a expressão «permanecei em mim». O discípulo amado está presente no cenáculo, junto do Senhor e ali escutou essa expressão dos seus lábios: «Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto» (Jo 15, 5). O mais jovem dos apóstolos escreve o seu Evangelho em último lugar: teve mais tempo para refletir e amadurecer o mistério de Cristo. E depois de muitos anos, o eco destas palavras ainda continua a comovê-lo. Por isso encontramos a mesma expressão na primeira das suas cartas, que lemos hoje na liturgia da Palavra: «Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também vós permanecereis no Filho e no Pai» (1Jo 2, 24). É aquilo que acontece com a videira e os

sarmentos: estes recebem dela toda a sua vida, sem ela perdem pouco a pouco a força.

Permanecer, «essa palavra tão querida pelo Senhor que a vai repetir muitas vezes... Se permaneces no Senhor, na Palavra do Senhor, na vida do Senhor, serás um discípulo»^[3]. Jesus quer unir a sua vida com a nossa; mais ainda, ligá-la. Permanecer n'Ele é viver *por* Ele, *com* Ele e *n'*Ele. Dizia Sto. Ambrósio: «Recolhe a água de Cristo (...). Enche o teu interior com esta água, para que a tua terra fique bem humedecida (...); e uma vez cheio, regarás os outros»^[4].

PARA O CRISTÃO, «viver é Cristo. E se, por vezes, por debilidade, cansaço, ou por tantas circunstâncias da vida, perdemos de vista esta realidade, Ele está sempre à nossa espera»^[5]. S. Josemaria expressava esta necessidade de união com Cristo com estas palavras: «Seguir Cristo – *venite post me et faciam vos fieri piscatores hominum* (Mt 4, 19) – é a nossa vocação. E segui-Lo tão de perto que vivamos com Ele, como os primeiros Doze; tão de perto que nos identifiquemos com Ele, que vivamos a sua Vida, até que chegue o momento, quando deixarmos de pôr obstáculos, no qual possamos dizer com S. Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20)»^[6].

Durante os dias de Natal, ao contemplar o Menino deitado numa pobre manjedoura, rodeado pelo carinho de Maria, José, e pelo calor de uns poucos animais, mostramos-lhe os nossos desejos de amor e de união com Ele. Se voltarmos os olhos para Ele, tão pequeno e, ao mesmo tempo, Rei do universo, sentir-nos-emos docemente impelidos a perseverar com firmeza durante este novo ano, durante toda a vida, na missão de nos identificarmos com Ele: «Amemos a Cristo, procuremos sempre a sua proximidade e, parecerá fácil tudo o que é difícil»^[7]. Durante um Natal, S. Josemaria mostrava ao Senhor os seus desejos de união e de amor: «Oh, Jesus –dir-lhe-ei– quero ser uma fogueira de loucura de Amor! Quero que apenas a minha presença seja suficiente para inflamar o mundo, a muitos quilómetros de distância, com um incêndio inextinguível. Quero saber que sou teu (...). Sofrer e amar. Amar e sofrer. Magnífico caminho! Sofrer, amar e acreditar: fé e amor. Fé de Pedro. Amor de João. Zelo de Paulo. Ainda

restam ao burrico três minutos de vaidade, bom Jesus, e manda... que lhe dê mais Zelo do que a Paulo, mais Amor do que a João, mais Fé do que a Pedro: O último desejo: Jesus, que nunca me falte a Santa Cruz»^[8].

JOÃO BATISTA aparece de novo no Evangelho de hoje, como sucedeu durante o Advento. As autoridades do Templo enviam à outra margem do Jordão sacerdotes e levitas para O interrogar: «Tu, quem és?» (Jo 1, 19). Importunam-no com muitas perguntas, com a intenção de O encurralar: És o Messias, és Elias, és um profeta? «Que dizes de ti mesmo?» (Jo 1, 22). As respostas do Batista falam-nos de alguém que tem a vontade de Deus como horizonte da própria vida. «Eu sou a voz de quem grita no deserto» (Jo 1, 23). A minha única missão – diz-lhes – é preparar Israel para receber de coração o Redentor.

Permanecer em Jesus Cristo é estar em comunhão com Ele: que Jesus esteja presente na nossa inteligência, na nossa vontade, no nosso coração, nas nossas obras. A prova mais evidente de *permanecer* em Jesus Cristo é guardar as suas palavras e os seus mandamentos; Ele mesmo nos disse que quem o faz «permanece em Deus e Deus nele» (1Jo 3, 24). Pedimos ao Senhor o dom de que cada um e todos os cristãos respiremos com o Evangelho. «Agora, diante de Jesus Menino, podemos continuar – à luz de umas palavras de S. Josemaria – o nosso exame pessoal: estamos decididos a procurar que a nossa vida sirva de modelo e de ensinamento aos nossos irmãos, aos nossos semelhantes, os homens? Estamos decididos a ser outros Cristos? Não basta dizê-lo com a boca. Tu – pergunto a cada um de vós e pergunto-o a mim mesmo –, tu, que por ser cristão estás chamado a ser outro Cristo, mereces que se repita de ti que vieste *facere et docere*, fazer tudo como um filho de Deus, atento à vontade de seu Pai, para que assim possas levar todas as almas a participar das coisas boas, nobres, divinas e humanas da Redenção? Estás a viver a vida de Cristo na tua vida ordinária no meio do mundo?»^[9].

Alegramo-nos com a Virgem Maria, feliz por ter nos seus braços o Salvador, fruto da sua fidelíssima escuta da Vontade de Deus. Por ela «o Verbo se fez carne e habitou entre nós»^[10]. Pedimos-lhe que não nos «falte

a fé, nem a valentia, nem a audácia para cumprir a vontade do nosso Jesus»^[11].

NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, Carta, 14/02/2017, n. 8.

[2] Bento XVI, Homilia, 31/12/2006.

[3] Francisco, Homilia, 01/04/2020.

[4] Sto. Ambrósio, Epístola 2, 4 (PL 16, 880).

[5] Fernando Ocáriz, Carta, 05/04/2017.

[6] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, meditação “*Viver para a glória de Deus*”, 1b.

[7] S. Jerónimo, Epístola 22, 39.

[8] S. Josemaria, Apontamentos íntimos, Dia dos Santos Inocentes, 28/12/1931.

[9] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 21.

[10] Liturgia das horas, Vésperas do dia 2 de janeiro, responsório breve.

[11] S. Josemaria, *Caminho*, n. 497.

3 de janeiro, Santíssimo Nome de Jesus

Reflexão para meditar no dia 3 de janeiro, Memória do Santíssimo Nome de Jesus. Os temas propostos são: o nome de Jesus significa “Deus salva”; como óleo derramado; rezar em seu nome e levá-lo a todos os lugares.

Sumário

- O nome de Jesus significa “Deus salva”
- Como bálsamo derramado
- Rezar em seu nome e levá-lo a todos os lugares

A IMPOSIÇÃO do nome era muito importante nas culturas semíticas, pois realçava a missão para a qual uma pessoa era chamada. Em Israel, costumava-se impor o nome durante a circuncisão, momento em que a criança era incorporada aos descendentes de Abraão. Foi o que aconteceu com Jesus, oito dias após o seu nascimento (cf. Lc 2, 21). Deus comunica a José, por meio do Anjo, o nome que ele deve dar ao filho de Maria: «Ela dará à luz um filho e tu pôr-Lhe-ás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados» (Mt 1, 20-21). Hoje celebramos precisamente a festa dedicada ao Santíssimo Nome de Jesus. A antífona da Missa resume bem o sentido da celebração, quando nos convida a adorar com reverência o Menino que hoje contemplamos reclinado numa manjedoura: «Ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor para glória de Deus Pai»^[1].

Deus muda o nome de algumas pessoas especialmente proeminentes na história da salvação como um símbolo da tarefa que lhes confiou. Foi o que aconteceu, por exemplo, com Abrão, que passou a ser chamado Abraão, porque seria pai de uma multidão de povos. Jacob recebeu o nome de Israel, porque tinha lutado com Deus e venceu. E o próprio Jesus Cristo chamará a Simão de Cefas – Pedro –, porque ele será a rocha sobre a qual a Igreja será edificada. No caso de Jesus, o próprio Deus intervém para que o nome do

Verbo Encarnado signifique exatamente a missão redentora que veio cumprir: “Iavé salva”.

S. Bernardino de Sena promoveu a devoção ao nome de Jesus no seu tempo e, como fruto dos seus esforços, acrescentou-o às palavras de Santa Isabel que repetimos na Ave Maria. «O grande fundamento da fé é o nome de Jesus, que transforma as pessoas em filhos de Deus», afirmava o santo italiano. A fé «consiste no conhecimento e no resplendor de Jesus Cristo, que é a luz da alma, a porta da vida, o fundamento da salvação eterna»^[2]. Por isso rezamos na Oração Coleta da Missa de hoje: «Concedei-nos, Senhor, que, venerando o santíssimo Nome de Jesus, saboreemos nesta vida a suavidade deste nome e recebamos no Céu a felicidade eterna».

«O TEU NOME é como um perfume derramado» (Ct 1, 3), diz o Cântico dos Cânticos referindo-se ao Esposo. O nome de Jesus é, de facto, como um bálsamo aromático que espalha o seu perfume por toda a casa. Dando continuidade a essa comparação, S. Bernardo de Claraval observa que o bálsamo tem três qualidades que podem ser aplicadas ao nome de Jesus: assim como o bálsamo «é luz, alimento e remédio», também o dulcíssimo nome de Jesus «fornece luz quando é pronunciado, alimenta quando é meditado, quando invocado, serena e abranda»^[3].

Em primeiro lugar, Jesus é a luz que brilha no meio das trevas, um brilho que queremos que reluza no nosso comportamento. Para receber essa luz de Cristo, temos que abrir os olhos da alma e limpá-los com o colírio dos sacramentos. «*Ut videam, ut videamus, ut videant!*», S. Josemaria convidava-nos a repetir: que com o nosso olhar limpo façamos limpas as vidas de muitos outros. Em segundo lugar, Jesus também é alimento para a alma. Ao pronunciarmos o seu nome, os nossos corações enchem-se de alegria. «A leitura incomoda-me, se não leio o nome de Jesus –continua S. Bernardo–. O falar desagrada-me, se não fala de Jesus. Jesus é mel na boca, melodia nos ouvidos, alegria no coração»^[4].

Por fim, o seu precioso nome é remédio para a nossa fraqueza. «Não há nada mais adequado para deter o ímpeto da ira, diminuir o inchaço do orgulho, curar as feridas da inveja, conter os ataques da luxúria, apagar o

fogo da concupiscência, saciar a sede da ganância e banir todos os apetites desordenados»^[5]. Por ocasião desta festa, podemos pedir ao Espírito Santo que derrame este bálsamo sagrado nos nossos corações, nos nossos lábios e nas nossas obras. Assim, unir-nos-emos ao salmista que na liturgia de hoje proclama: «Como é admirável o vosso nome em toda a terra, Senhor, nosso Deus!» (Sl 8, 2).

«EM VERDADE, em verdade vos digo: tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo dará. Até agora não pedistes nada em meu nome: pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa» (Jo 16, 23-24). Desta forma, o Senhor encorajou os seus apóstolos na véspera da sua paixão. Confiando na própria palavra do Senhor, podemos invocar frequentemente o seu Santo Nome. Como dizia Sta. Teresa: «Vejam os gloriosos S. Paulo que, dir-se-ia, ter sempre na boca Jesus, como quem O tinha bem no coração»^[6].

S. Josemaria, por sua vez, ensinou-nos uma bela jaculatória: “*Iesu, Iesu, esto mihi sempre Iesus!*”: Jesus, Jesus, sê para mim sempre Jesus. Se a repetirmos com frequência, ficaremos surpresos com os seus efeitos, especialmente quando nos sentirmos tristes, preocupados ou cansados. «Eu o chamo de Jesus, sem medo, a sós – dizia –. Aqui, ao lado do Sacrário, não tenho vergonha de invocá-lo pelo nome. Meu filho, diz também a Ele que o amas, que o amarás para sempre. Mais e mais!»^[7]. É nossa missão – a missão dos cristãos comuns – espalhar a fragrância desse nome ao nosso redor.

«Este nome deve ser publicado para brilhar, não deve ficar escondido. Mas não pode ser pregado com um coração manchado ou com uma boca impura, mas deve ser colocado e exposto em um vaso escolhido»^[8], continuava S. Bernardino. O sacerdócio real – selo divino do Batismo e da Confirmação – «permite-nos levar o nome de Cristo a todos os ambientes onde os homens trabalham e vivem. Mas não esqueças que o apostolado, para ser verdadeiramente eficaz, deve basear-se numa união profunda, habitual e quotidiana com Jesus Cristo nosso Senhor»^[9]. Com que ternura o nome de Jesus ressoava nos lábios da sua Mãe e de S. José! A eles

suplicamos com confiança que nos lembrem do seu bendito nome para mantê-lo permanentemente nos nossos corações.

NOTAS

[1] Antífona de entrada da Missa do Santíssimo Nome de Jesus.

[2] S. Bernardino de Sena, Sermão 49, *Sobre o glorioso nome de Jesus Cristo*, capítulo 1.

[3] S. Bernardo, Sermão 15, *Sobre o Cântico dos Cânticos*, II, n. 4.

[4] S. Bernardo, Sermão 15, *Sobre o Cântico dos Cânticos*, III, n. 6.

[5] *Ibid.*

[6] Sta. Teresa, *Livro da vida*, cap. 22.

[7] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 13/04/1954.

[8] S. Bernardino de Sena, Sermão 49, *Sobre o glorioso nome de Jesus Cristo*, cap. 2.

[9] Bto. Álvaro del Portillo, Carta, 01/04/1985.

II domingo do Natal

Reflexão para meditar no domingo da segunda semana do Natal. Os temas propostos são: a Palavra se fez carne para que possamos escutá-la; viver o Evangelho de cada dia; dedicar um momento do dia à sua leitura.

Sumário

- A palavra se fez carne para que possamos escutá-la
- Viver o Evangelho de cada dia
- Dedicar um momento do dia à sua leitura

«NO PRINCÍPIO era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus» (Jo 1, 1). Hoje a liturgia proclama novamente, durante a Missa, o prólogo do Evangelho de S. João: um texto tão rico que vale a pena meditar várias vezes para aprofundar o seu significado.

«E o Verbo fez-se carne, e habitou entre nós. Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como Filho Unigénito, cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14). Toda a grandeza de Deus se concentrou num menino recém-nascido. Deus falou-nos, enviou-nos a sua Palavra, dirigiu-se a cada um. Mas a sua glória não nos deslumbra; é simples, humilde, discreta. Quem não quiser escutá-la não precisa tapar os ouvidos porque o Menino mal emite qualquer som. Nasce num estábulo escondido para que ninguém se sinta obrigado a fazer-lhe companhia. Só o encontrarão os que desejarem acolhê-lo livremente.

Nós podemos pedir à Virgem Maria, a S. José e ao nosso Anjo da Guarda que aumentem o nosso desejo de nos darmos com este Menino, de deixar-nos querer por ele e de escutar a sua frágil voz. Queremos encher-nos da graça e da verdade que esta Palavra contém. Foi-nos dirigida uma mensagem que devemos guardar: Deus ama-nos, salva-nos e quer contar connosco para que o seu amor chegue até aos confins da terra. «Levantemo-nos, «atravessemos», vamos a Belém, até junto daquele Deus

que veio ao nosso encontro. Sim, Deus encaminhou-Se para nós. Sozinhos, não poderíamos chegar até Ele. O caminho supera as nossas forças. Mas Deus desceu. Vem ao nosso encontro. Percorreu a parte mais longa do caminho. Agora pede-nos: vinde e vede quanto vos amo. Vinde e vede que Eu estou aqui»^[1].

«A GRAÇA e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo – continua a dizer o Evangelho de S. João –. A Deus, nunca ninguém O viu. O Filho Unigénito, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer» (Jo 1, 17). Em Cristo podemos conhecer a verdade e a bondade de Deus. E para nos aproximarmos de Jesus Cristo, para contemplar a sua Humanidade Santíssima, tratá-lo como a um amigo e seguir os seus passos, precisamos de ler e meditar o Evangelho.

S. Josemaria teve uma experiência surpreendente pelas ruas de Madrid; escreve, num dia de 1931: «Ontem pela manhã, na rua de Santa Engrácia, quando ia a casa de Romeo, lendo o capítulo segundo de S. Lucas, que era o que me correspondia ler, encontrei um grupo de operários. Apesar de ir bastante metido na minha leitura, ouvi que diziam algo uns para os outros em voz alta, com certeza perguntavam o que estaria a ler o padre. E um daqueles homens respondeu em voz alta: “a vida de Jesus Cristo”. Como os meus Evangelhos estão num livro pequeno, que levo sempre no bolso, e as capas forradas com tecido, aquele trabalhador só poderia acertar na sua resposta, mais que por acaso, por providência. E pensei e penso que oxalá fosse tal a minha compostura e a minha conversa que todos pudessem dizer ao ver-me ou ao ouvir-me falar: este lê a vida de Jesus Cristo»^[2].

Ler a vida de Jesus Cristo ajuda-nos a entrar em sintonia com o querer de Deus. É uma Palavra que não deixa indiferente; tem um poder transformador infinito porque está viva. Se a recebemos, muda-nos. Se a acolhemos, vivifica-nos. S. Josemaria aconselhava a ler o Evangelho com uma atitude ativa, para facilitar que a Palavra de Deus vá configurando cada vez mais a nossa realidade quotidiana:

«Ao abrires o Santo Evangelho pensa que não só tens de saber o que ali se narra – obras e ditos de Cristo – mas também tens de vivê-lo. Tudo, cada

ponto relatado, se recolheu, pormenor a pormenor, para que o encarnes nas circunstâncias concretas da tua existência. Nosso Senhor chamou os católicos para o seguirem de perto e, nesse Texto Santo, encontras a Vida de Jesus; mas, além disso, deves encontrar a tua própria vida»^[3].

«O VERBO era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina» (Jo 1, 9). Impulsionados por estas palavras de S. João, hoje pedimos ao Senhor que o brilho da verdade guie as nossas vidas; que nos faça cada vez mais capazes de reconhecer, como se dirigidas a cada um, as palavras, gestos e ações do Mestre; que aprendamos a meter-nos nas cenas dos Evangelhos para passar o dia com Jesus no seu percurso pela Galileia e pela Judeia. Queremos, assim, ser testemunhas dos seus milagres e curas; queremos ouvi-lo falar do amor incondicional e infinito do seu Pai por nós.

Para entrar na vida do Senhor precisamos de dedicar um momento do nosso dia a ler o Evangelho. Precisamente o domingo da Palavra de Deus foi instituído para que os cristãos recordem, uma vez mais, o grande valor que esta Palavra ocupa na nossa existência quotidiana. «Façamos espaço dentro de nós para a Palavra de Deus.

Leiamos cada dia algum versículo da Bíblia. Começemos pelo Evangelho; mantenhamo-lo aberto na cómoda de casa, tragamo-lo connosco no bolso ou na bolsa, visualizemo-lo no telemóvel, deixemos que nos inspire todos os dias. Descobriremos que Deus está perto de nós, ilumina as nossas trevas e nos guia amorosamente ao longo da nossa vida»^[4].

Talvez um bom propósito para este ano que começa possa ser o de saborear e ver que o Senhor é bom através das páginas do Evangelho. Pedimos ao Espírito Santo que aí aprendamos a escutar o sussurro divino que nos faz sentir acompanhados, inspirados, compreendidos.

A Virgem Maria é a que melhor recebeu essa Palavra e a fez carne da sua carne. N'Ela se cumprem na perfeição as palavras de S. João: «Àqueles que O receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus» (Jo 1,12).

Maria compreendeu que essa Palavra era para Ela: naquele dia em que veio visitá-la o arcanjo S. Gabriel e cada dia da sua vida.

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 24/12/2009.

[2] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, Caderno V, n. 521 (30/12/1931).

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 754.

[4] Francisco, Homilia no domingo da Palavra de Deus, 26/01/2020.

Terça-feira depois da Epifania

Reflexão para meditar na terça-feira depois da Epifania. Os temas propostos são: À procura de Jesus, com Maria e José; quando perdemos Jesus; ampliar o olhar de fé.

Sumário

- À procura de Jesus, com Maria e José.
- Quando perdemos Jesus.
- Ampliar o olhar de fé.

AO LOGO DESTE TEMPO, convivemos com a Sagrada Família, acompanhando Jesus nos seus primeiros passos nesta terra. Éramos criados na casa de Maria e ouvimos maravilhados a mensagem do Arcanjo S. Gabriel. Depois acompanhamo-l'A na sua jornada até casa de sua prima. S. José admitiu-nos na sua casa quando tomou Maria como esposa e pudemos estar com eles em Belém, naquela noite abençoada em que o Todo-Poderoso dormiu reclinado numa manjedoura, envolto em faixas. Junto com aquelas importantes personagens do Oriente, oferecemos ao Menino os nossos pequenos tesouros. Nessa mesma noite fomos despertados por uma forte sacudida do Santo Patriarca que nos alertou para o perigo iminente. Com Maria, José e o Menino fomos estrangeiros no Egito até que pudemos voltar a Nazaré.

O tempo foi passando aos poucos. «E Jesus ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52). Quando tinha doze anos, os seus pais levaram-n'O a Jerusalém para celebrar a solene festa da Páscoa (cf. Lc 2, 41-42). Nós, criados daquela casa, também fomos com eles à cidade santa, para celebrar a grande festa dos judeus no Templo. Jesus, Maria e José viajaram em uma das muitas caravanas, misturados com outros vizinhos da povoação. Foi uma viagem cansativa, mas serena: com tantas lembranças daquela que tinham feito, anos antes, quando o Filho de

Deus estava escondido no seio da Virgem Maria. Também agora, passaram sem que ninguém os notasse.

S. Lucas conta-nos que «quando eles regressavam, passados os dias festivos, o Menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o soubessem» (Lc 2, 43). Nas primeiras horas essa ausência não os incomodou muito: «julgando que Ele vinha na caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procurá-l'O entre os parentes e conhecidos» (Lc 2, 44). Mas, é claro, quando todas as buscas foram mal sucedidas, eles ficaram seriamente alarmados. «Onde está Jesus? – Senhora: o Menino!... Onde está? Maria chora. – Bem corremos, tu e eu, de grupo em grupo, de caravana em caravana; não O viram. – José, depois de fazer esforços inúteis para não chorar, chora também... E tu... E eu. Eu, como sou um criadito rústico, choro até mais não poder e clamo ao céu e à terra..., por todas as vezes que O perdi por minha culpa e não clamei»^[1].

JOSÉ E MARIA perderam Jesus sem culpa nenhuma. Nós, por outro lado, às vezes perdemo-l'O por causa do pecado. «O único medo que o discípulo deve ter é o de perder esse dom divino, a proximidade, a amizade com Deus, renunciando a viver segundo o Evangelho e causando deste modo a sua morte moral, que é a consequência do pecado»^[2]. É necessário, então, fomentar a contrição que nos pode familiarizar com Jesus, inclusive mais do que antes. Surgirá o desejo de fazer o que está ao nosso alcance para não nos separarmos mais dele. Outras vezes, porém, não se trata do pecado, mas simplesmente parece que o Senhor se está escondendo. Os dias passam sem tantos consolos, sem a satisfação que sentíamos noutros momentos. Talvez até o que antes era saboroso e fácil se tenha tornado, não sabemos bem como, muito menos empolgante e atraente.

Um segundo dia amanhece... um terceiro... Maria e José continuam a procurar Jesus. A sua aflição cresce cada vez mais. Ninguém o viu: nem os seus amigos, nem os estranhos que ainda não saíram da cidade, nem as crianças que brincam na rua. A busca continua sem descanso. Ao entrar no Templo, tudo lhes recorda os momentos inesquecíveis que viveram dias antes com o Menino naquele mesmo lugar. E acumulam-se muitas outras lembranças felizes junto a Ele.

Lembrar-nos do bem que o Senhor realizou nas nossas vidas ajuda-nos a continuar a procurá-l'O, mesmo quando passamos por uma fase de cansaço, secura ou desânimo: «Não está ainda fresca a recordação de uma vida – a tua – sem rumo, sem meta, sem graça, que a luz de Deus e a tua entrega encaminharam e encheram de alegria?»^[3]. O Senhor dirigiu a nossa vida, tornando-a muito mais feliz. Disto temos a certeza, está gravado nos nossos corações. Se agora Ele se escondeu, procuremo-l'O sem desanimar: talvez seja a sua forma de fortalecer a nossa confiança e o nosso amor. Ao longo deste caminho, talvez Ele nos queira mostrar novos aspetos da nossa vocação cristã. É o momento de recordar o nosso diálogo com Deus e tudo o que vivemos com Ele.

FINALMENTE, depois de três dias, Maria e José encontram o Menino no Templo, sentado entre os doutores. Que alegria ao descobrir a sua figura inconfundível entre rabinos e discípulos, «a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos aqueles que O ouviam estavam surpreendidos com a sua inteligência e as suas respostas» (Lc 2, 46-47). Também nós corremos com Maria e José para abraçar o seu filho com uma alegria irreprimível. Depois ouvimos com assombro o diálogo: «“Filho, porque procedeste assim connosco? Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura”. Jesus respondeu-lhes: “Porque Me procuráveis? Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai?”. Mas eles não entenderam as palavras que Jesus lhes disse» (Lc 2, 48-50).

Maria e José estão desconcertados: na resposta de Jesus adolescente há algo que vai além da capacidade humana de compreensão. Algo que tem a ver com o mistério do seu ser e da sua missão. Talvez seja um novo anúncio. Nossa Senhora não o compreendia completamente, mas «guardava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2, 51). «A palavra de Jesus é grande demais por então; a própria fé de Maria é uma fé ‘a caminho’, uma fé que repetidas vezes se encontra na escuridão e, atravessando a escuridão, deve amadurecer. Maria não compreende as palavras de Jesus, mas guarda-as no seu coração e aqui lentamente faz com que cheguem à maturação (...). Maria é apresentada por Lucas deliberadamente como aquela que crê de modo exemplar: ‘Feliz Aquela que acreditou’ – dissera-lhe Isabel (Lc 1, 45)»^[4].

A nossa Mãe ensina-nos a estarmos totalmente abertos ao querer divino, inclusive se for misterioso. É por isso que Ela é uma mestra de fé. Podemos recorrer a Ela para nos ajudar a viver confiando no amor de Deus que guia as nossas vidas.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Santo Rosário*, quinto mistério gozoso.

[2] Francisco, *Angelus*, 21/06/2020.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 286.

[4] Bento XVI, *A infância de Jesus*.

4 de janeiro

Reflexão para meditar no dia 4 de janeiro (para os anos em que a Epifania se celebra depois desta data). Os temas propostos são: somos verdadeiramente filhos de Deus; a experiência do encontro com Jesus; oração de agradecimento e petição.

Sumário

- Somos verdadeiramente filhos de Deus
 - A experiência do encontro com Jesus
 - Oração de agradecimento e petição
-

NA LITURGIA da Palavra, lemos, nestes primeiros dias do novo ano, a primeira carta do apóstolo João, escrita em Éfeso, no regresso do exílio em Patmos. O tema central da carta, à qual S. João volta sempre, é a comunhão do cristão com Deus, que se dá pela fé em Jesus Cristo e pela caridade fraterna.

“Deus é amor”, diz o apóstolo várias vezes ao longo da carta. Também indica que Deus é a fonte de tudo o que existe e que o cristão é constituído filho de Deus por amor. Somos realmente seus filhos e não em sentido figurado ou poético (cf. 1Jo 3, 1). E como resultado dessa filiação, podemos ser chamados propriamente nascidos de Deus. Assim, lemos hoje na primeira leitura: «Quem nasceu de Deus não comete o pecado, porque permanece nele uma semente divina; e não pode pecar, porque nasceu de Deus. Nisto se distinguem os filhos de Deus» (1Jo 3, 9-10).

«Sabemo-nos filhos de Deus, muito queridos filhos de Deus – dizia S. Josemaria na noite de Natal de 1967 –. Esta noite o Senhor, através da sua Mãe, nos enviará tantas graças novas: para que cresçamos no amor e na filiação divina (...). Olhai, meus filhos, vede que gratidão devemos ter a esse nosso Irmão, que nos fez filhos do Pai. Vistes aqueles vossos irmãozinhos, aquelas criaturinhas, filhos dos vossos parentes, que precisam

de tudo e de todos? Assim é o Menino Jesus. É bom considerá-lo assim, indefeso. Sendo o todo-poderoso, sendo Deus, ele fez-se Menino indefeso, desamparado, que precisa do nosso amor. Mas naquela fria solidão, com a sua Mãe e S. José, o que Jesus quer, o que o aquece, é o nosso coração. Portanto, arranca do coração tudo o que estorve! Tu e eu, meu filho, vamos ver tudo o que estorva no nosso coração... Fora! Mas de verdade. S. João repete-o no capítulo primeiro: *Quotquot autem receperunt eum dedit eis potestatem filios Dei fieri* (Jo 1, 12). Deu-nos o poder de nos tornarmos filhos de Deus. Deus quis que sejamos seus filhos»^[1].

DOIS PESCADORES de Cafarnaum, João e André, seguiam João Batista, a quem consideravam um grande profeta. Um dia Jesus passou por eles e o Batista afirmou: «Este é o Cordeiro de Deus» (Jo 1, 36). Os seus discípulos, «quando o ouviram falar assim, seguiram a Jesus» (Jo 1, 37). A partir desse encontro, nada mais será o mesmo. «Cheios de curiosidade, resolveram segui-lo à distância, quase tímidos e sem saber o que fazer, até que Ele mesmo, virando-se, perguntou: “O que procurais?”, provocando aquele diálogo que deu início à aventura»^[2].

João e André seguiram Jesus, fizeram-lhe perguntas, «viram onde vivia e ficaram com ele» (Jo 1, 39): naquele dia tornaram-se apóstolos para sempre. «É Jesus quem toma a iniciativa. Quando Ele está pelo meio, as nossas questões sempre retornam: de “interrogadores” passamos a “interrogados”, de “buscadores” descobrimo-nos “encontrados”; com efeito, é Ele quem desde sempre nos amou primeiro (cf. 1Jo 4, 10). Esta é a dimensão fundamental do encontro: não se trata de abordar algo, mas Alguém, “aquele que vive”. Os cristãos não são discípulos de um sistema filosófico: são os homens e as mulheres que fizeram, na fé, a experiência do encontro com Cristo (cf. 1Jo 1, 1-4)»^[3].

Os dois amigos, João e André, não tinham certeza de quem Jesus realmente era. Eles precisaram de tempo – anos de convivência e escuta – para compreender o mistério do Filho de Deus. Sem medo, também nós atravessamos o limiar da sua casa para falar com o Mestre face a face, para escutar e meditar a sua Palavra, para abrir o nosso coração como se faz com um amigo. No silêncio da oração aprendemos a conhecer o Senhor. A

mesma pergunta dos discípulos, insistente e audaz – «Mestre, onde vives?» – surge também na nossa alma. «Aprendeis a escutar de novo, no silêncio da oração, a resposta de Jesus: 'Vinde e vede'»^[4].

«FAÇAMOS, pois, uma oração de filhos e uma oração contínua – encorajava S. Josemaria num Natal –. “*Oro coram te, hodie, nocte et die*” (Ne 1, 6); rezo diante de ti, noite e dia. Não me ouvistes dizer tantas vezes: que somos contemplativos, noite e dia, mesmo dormindo; que o sono faz parte da oração? Disse-o o Senhor: “*Oportet sempre orare, et non deficere*” (Lc 18, 1). Devemos orar sempre, sempre. Temos que sentir a necessidade de procurar Deus depois de cada sucesso e de cada fracasso na vida interior. Sobretudo nestes casos, voltemos com humildade, para dizer ao Senhor: apesar de tudo, sou teu filho! Façamos o papel do filho pródigo. Como diz a Escritura noutra ponto: orando sempre, não com muitas palavras (cf. Mt 6, 7), mas com a oração mental, sem ruído de palavras, sem gestos externos. Onde oramos? “*In angulis platearum...*” (Mt 6, 5). Quando caminhamos pelas ruas e praças, devemos rezar constantemente»^[5].

Naquele dia, S. Josemaria sugeria dar graças pelo Natal e encorajava quantos o ouviam a sonhar na oração, a pensar em grande, a pedir que se fizesse a vontade de Deus em tantas almas. «E como vamos rezar? Rezar com ação de graças. Damos graças a Deus Pai, damos graças a Jesus, que se fez menino pelos nossos pecados; que se abandonou, sofrendo em Belém e na Cruz de braços abertos, estendidos, com gesto do Sacerdote Eterno (...). E também a petição. Que havemos de pedir? Que pede uma criança ao pai? Papá... a lua!: coisas absurdas. Pedi e vos será dado, batei e abrir-se-vos-á (Mt 7, 7). O que não podemos pedir a Deus? Pedimos tudo aos nossos pais. Pedi a lua e ele vos dará; pedi sem medo tudo o que quiserdes. Ele sempre vos dará, de uma forma ou de outra. Pedi com confiança»^[6].

Na casa onde vive Jesus encontramos também a doce presença de Maria. Pedimos-lhe que saibamos viver como filhos nascidos de Deus e ir ao encontro de Jesus para morar na sua casa.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, meditação “*Rezar sem interrupção*”, 1a-2b.

[2] S. João Paulo II, Mensagem para a XII Jornada Mundial da Juventude (Paris, 1997), 15/08/1996.

[3] *Ibid.*

[4] *Ibid.*

[5] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, meditação “*Rezar sem interrupção*”, 2c-2d.

[6] *Ibid.*, 3b-3c.

Quarta-feira depois da Epifania

Reflexão para meditar na quarta-feira depois da Epifania. Os temas propostos são: a vida oculta de Jesus; tornar presente o cuidado de Deus; o valor do trabalho quotidiano.

Sumário

- A vida oculta de Jesus.
- Tornar presente o cuidado de Deus.
- O valor do trabalho quotidiano.

DURANTE trinta anos, aquela grande luz que tinha vindo iluminar todo o mundo (cf. Is 9, 2) esteve escondida. O grande mistério da Encarnação passou oculto durante um longo tempo aos olhos dos homens. O Filho de Deus viveu um ano após outro, sujeito aos seus pais, numa pequena povoação da Galileia, dedicado a um trabalho normal. Nosso Senhor é «o Deus escondido, o Deus de Israel, o Salvador» (Is 45, 15).

«Jesus, crescendo e vivendo como um de nós, revela-nos que a existência humana, a vida corrente e comum, tem um sentido divino. Por muito que tenhamos pensado nestas verdades, devemos encher-nos sempre de admiração ao pensar nos trinta anos de obscuridade que constituem a maior parte da passagem de Jesus entre os seus irmãos, os homens. Anos de sombra, mas, para nós, claros como a luz do Sol. Mais: resplendor que ilumina os nossos dias e lhes dá uma autêntica projeção, pois somos cristãos correntes, com uma vida vulgar, igual à de tantos milhões de pessoas nos mais diversos lugares do Mundo»^[1].

Jesus Cristo quis passar a maior parte da sua vida na terra oculto no silêncio de Nazaré. «Se o Senhor se humilhou dessa maneira, que faremos nós que, por meio d'Ele, fomos, colocados sob o jugo da sua graça?»^[2]. Consideremos uma vez mais esta vida oculta de Jesus, que queremos imitar. Como ele, queremos ser levedura no meio da massa, fermentar o nosso

ambiente passando despercebidos. «Assim viveu Jesus durante seis lustros: era *fabri filius*, o filho do carpinteiro. Virão depois os três anos de vida pública, com o clamor das multidões. E as pessoas surpreendem-se: Quem é este? Onde aprendeu tantas coisas? Pois a sua vida tinha sido a vida comum do povo da sua terra. Era o *faber, filius Mariæ*, o carpinteiro, filho de Maria. E era Deus; e estava realizando a redenção do género humano; e estava a “atrair a Si todas as coisas” (Jo 12, 32)»^[3].

«COMO em relação a qualquer outro aspeto da sua vida, nunca deveríamos contemplar esses anos ocultos de Jesus sem nos sentirmos afetados, sem os reconhecermos como aquilo que são: chamamentos que o Senhor nos dirige para sairmos do nosso egoísmo, do nosso comodismo»^[4]. Como Jesus, queremos também crescer em idade, graça e em sabedoria (cf. Lc 2, 52). A contemplação da vida oculta do Senhor traz luzes concretas à nossa vida diária: fala-nos dessa unidade de vida, simples e forte, que temos que cultivar todos os dias.

Toda a nossa vida tem valor de corredenção: a alma cresce, amadurece sobrenaturalmente «no cumprimento exato das obrigações de agora. – Esse trabalho – humilde, monótono, pequeno – é oração plasmada em obras que te preparam para receber a graça do outro trabalho – grande, vasto e profundo – com que sonhas»^[5]. Quando procuramos trabalhar com essa perspetiva divina, o nosso trabalho adquire um sentido completamente novo. Pode ser caminho para trazer Deus ao nosso ambiente. Com o nosso trabalho e o nosso serviço podemos fazer presente o cuidado de Deus com cada pessoa. Cada projeto, cada tarefa e cada gesto poder conter de algum modo o nosso amor e o amor de Deus pelas pessoas às que se dirigem.

Contemplemos Jesus, o Verbo de Deus, oculto na oficina de Nazaré tantos anos, contemplado somente pelo Pai e pelo Espírito Santo, por Maria e José. Teremos um renovado desejo de conhecê-lo, imitar a sua vida escondida em Nazaré, tão fecunda natural e sobrenaturalmente.

«PERMITI-ME que volte de novo à naturalidade, à simplicidade da vida de Jesus, que já vos tenho feito considerar tantas vezes. Esses anos

ocultos do Senhor não são coisa sem significado, nem uma simples preparação dos anos que viriam depois, os da sua vida pública. Desde 1928 compreendi claramente que Deus deseja que os cristãos tomem exemplo de toda a vida do Senhor. Entendi especialmente a sua vida escondida, a sua vida de trabalho corrente no meio dos homens: o Senhor quer que muitas almas encontrem o seu caminho nos anos de vida calada e sem brilho. Obedecer à vontade de Deus, portanto, é sempre sair do nosso egoísmo; mas não tem por que se traduzir no afastamento das circunstâncias ordinárias da vida dos homens, iguais a nós pelo seu estado, pela sua profissão, pela sua situação na sociedade.

Sonho – e o sonho já se tornou realidade – com multidões de filhos de Deus santificando-se na sua vida de cidadãos correntes, compartilhando ideais, anseios e esforços com as outras pessoas. Preciso de lhes gritar esta verdade divina: se permaneceis no meio do mundo, não é porque Deus se tenha esquecido de vós; não é porque o Senhor vos não tenha chamado; convidou-vos a permanecer nas atividades e nas ansiedades da Terra, porque vos fez saber que a vossa vocação humana, a vossa profissão, as vossas qualidades não só não são alheias aos seus desígnios divinos, mas que Ele as santificou como oferenda gratíssima ao Pai!»^[6].

Deus não se esquece de nenhum dos seus filhos e o tempo transcorrido em Nazaré mostra-nos como encher as realidades quotidianas de amor de Deus. O seu exemplo permite-nos vislumbrar o grande sentido que há em cada um dos nossos gestos e aspirações. «O trabalho – continua S. Josemaria –, todo o trabalho, é testemunho da dignidade do homem, do seu domínio sobre a criação (...). Porque, além disso, ao ser assumido por Cristo, o trabalho apresenta-se-nos como uma realidade redimida e redentora: é, não só o âmbito em que o homem vive, mas também meio e caminho de santidade, realidade santificável e santificadora»^[7]. Ao contemplar a vida oculta de Jesus, esses longos anos de trabalho em Nazaré, descobrimos um maravilhoso modelo a imitar. Peçamos a Santa Maria e a São José que nos ajudem a realizar em nós essa vida que eles compartilharam com o Senhor.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 14.

[2] S. Clemente Romano, *Carta aos Coríntios*, n. 16.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 14.

[4] *Ibid.*, n. 15.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 825.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 20.

[7] *Ibid.*, n. 47.

5 de janeiro

Reflexão para meditar no 5 de janeiro (para os anos em que a Epifania se celebra depois desta data). Os temas propostos são: como Jesus, dar a vida pelos outros; amar verdadeiramente e com obras; «Vem e verás»: é Jesus quem atrai as almas.

Sumário

- Como Jesus, dar a vida pelos outros
- Amar verdadeiramente e com obras
- «Vem e verás»: é Jesus quem atrai as almas

No próximo domingo celebraremos a Epifania. Os Magos do Oriente fazem uma longa viagem procurando o Menino. Ao encontrá-lo em Belém «adoraram-n'O; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes» (Mt 2, 11). Os Magos entregam a Maria e a José presentes cheios de significado. A Tradição interpretou que o ouro simboliza a realeza do recém-nascido, o incenso, a sua divindade e a mirra, a sua morte redentora: Rei, Deus e Salvador. Este Menino, encarnação do Criador, vem morrer por nós.

A sua cruz começa no berço. Em certo sentido, pode vislumbrar-se essa relação, comparando umas palavras de S. Lucas no início e no fim do seu Evangelho. Antes do nascimento, assinala: «e teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria» (Lc 2, 7); e, no momento da morte, escreve: «Descendo-o da cruz, envolveu-o num lençol e depositou-o num sepulcro talhado na rocha, onde ainda ninguém tinha sido sepultado» (Lc 23, 53). O corpo de Jesus é reclinado duas vezes: na manjedoura e no túmulo. Também na primeira carta de S. João que temos lido estes dias na Missa, se expressa de forma diferente o mesmo mistério: «Nisto conhecemos o amor: Ele deu a vida por nós» (1Jo 3, 16). Esta afirmação tem a força de um testemunho direto: João esteve no Gólgota, viu como o Mestre abraçou a cruz, sentiu a

força do seu amor até ao último suspiro. João sabe que o amor de Cristo não são apenas palavras.

«E nós devemos também dar a vida pelos nossos irmãos», acrescenta então (1Jo, 3, 16). Estas palavras da liturgia de hoje indicam-nos o caminho que, como discípulos de Jesus, devemos seguir. S. Josemaria confiou-nos: «Com quanta insistência o Apóstolo S. João pregava o "*mandatum novum*"! "Amai-vos uns aos outros!". Pôr-me-ia de joelhos, sem fazer teatro – grita-mo o coração –, para vos pedir, por amor de Deus, que vos estimeis, que vos ajudeis, que vos deis a mão, que vos saibais perdoar. Portanto, vamos banir a soberba, ser compassivos, ter caridade; prestar-nos mutuamente o auxílio da oração e da amizade sincera»^[1].

«Meus filhos, não amemos com palavras e com a língua, mas com obras e em verdade» (1Jo 3, 18), diz S. João na sua carta. «O amor não admite álibis: quem pretende amar como Jesus amou, deve assumir o seu exemplo (...). Aliás, é bem conhecida a forma de amar do Filho de Deus, e João recorda-a com clareza. Assenta sobre duas colunas mestras: o primeiro a amar foi Deus (cf. 1Jo 4, 10.19); e amou dando-Se totalmente, incluindo a própria vida (cf. 1Jo 3, 16). Um amor assim não pode ficar sem resposta. Apesar de ser dado de maneira unilateral, isto é, sem pedir nada em troca, ele abrasa de tal forma o coração, que toda e qualquer pessoa se sente levada a retribuí-lo não obstante as suas limitações e pecados»^[2].

Movidos pela força do amor de Jesus, os primeiros discípulos saem de imediato para contar aos seus amigos e familiares o encontro que tiveram com Jesus. Assim vemos André que, depois de passar um dia no Jordão na sua companhia, levou o seu irmão Simão até Cristo (cf. Jo 1, 42). Por sua vez, o Evangelho de hoje narra-nos o encontro de Filipe com Jesus e a sua reação ao deparar-se com o seu amigo Natanael. Filipe disse-lhe: «Encontrámos Aquele de quem está escrito na Lei de Moisés e nos Profetas. É Jesus de Nazaré, filho de José» (Jo 1, 45). Perante a indiferença de Natanael, que considera Nazaré uma terra insignificante para o qual nem sequer havia referência na Escritura, «Filipe respondeu-lhe: "Vem ver!"» (Jo 1, 46).

Levar as pessoas a ter um encontro pessoal com Jesus é talvez a maior manifestação de amor. Filipe não pode conter-se após ter escutado dos lábios do Mestre a chamada: «Segue-Me!» (Jo 1, 43). O fogo do seu coração pede-lhe que fale, que anime, que partilhe essa alegria que o preenche. Precisa de contar a Natanel que – sem saber bem como nem porquê – lhe calhou o maior dos presentes.

S. Josemaria gostava de recordar que o Senhor faz as coisas «antes, mais e melhor» do que aquilo que pensamos. A Sua bondade infinita ultrapassa as nossas expectativas e os nossos sonhos. Como seus discípulos, partimos desta garantia quando se trata de dar testemunho da nossa fé. Não fazemos um trabalho nosso: as almas são suas, nós simplesmente trabalhamos na sua vinha. Filipe fala com o seu amigo porque está convicto de que Jesus não defrauda ninguém, e esta é também a nossa certeza.

Sabemos bem que é Jesus quem atrai as almas, é a experiência de vida com o Senhor que transforma a vida. Da mesma forma que aconteceu conosco, confiamos que as pessoas que amamos também serão conquistadas por Ele. Essa é a esperança que nos leva ao apostolado. Os discípulos «desde aquele dia transformaram-se em “testemunhos” tão “alcançados” (cf. Flp 3, 12) pelo amor ao seu Mestre e pela beleza sedutora da sua mensagem, que se tornaram dispostos a enfrentar até a morte, desde que não traíssem o seu compromisso com Ele.

Cristo não só continua a dirigir a alguns o convite à total doação de si mesmo através de uma palavra pessoal e secreta, que desperta ecos profundos no coração, mas também sai ao encontro de todos os homens, de cada um de vós, para lhes propor pessoalmente a pergunta dirigida ao jovem cego: “Tu crês no Filho do Homem?” (Jo 9, 35). A quem responde afirmativamente, Ele atribui a missão de dar testemunho desta escolha no mundo»^[3].

Da sua cátedra em Belém, o Deus Menino abre-nos os olhos, com uma lição de total entrega ao próximo, fazendo-se pequeno para atrair todos a Si. Maria é testemunho desse amor divino, que tem, de facto, nas suas mãos.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 454.

[2] Francisco, Mensagem para o I dia Mundial dos Pobres, 19/11/2017.

[3] S. Paulo VI, Discurso aos estudantes de Roma, 25/02/1978.

Quinta-feira depois da Epifania

Reflexão para meditar na quinta-feira depois da Epifania. Os temas propostos são: conduzidos pelo Espírito Santo; enviados a anunciar a Boa Nova; amor a Deus e ao próximo.

Sumário

- Conduzidos pelo Espírito Santo.
- Enviados a anunciar a Boa Nova.
- Amor a Deus e ao próximo.

CONTEMPLAMOS nestes dias o início do ministério público do Senhor. Depois de superar as tentações no deserto, regressou ao lugar onde tinha crescido: «Impelido pelo Espírito, Jesus voltou para a Galileia e a sua fama propagou-se por toda a região» (Lc 4, 14). O Evangelho salienta que o fez *levado pelo Espírito Santo*, já que o Paráclito desempenha um papel insubstituível na obra da nossa redenção e santificação. Assim nos ensina também S. Cirilo na Liturgia das Horas de hoje: «Tendo o Criador do universo decidido restaurar todas as coisas em Cristo, dentro da mais admirável e perfeita ordem, e restituir à natureza humana a sua condição original, prometeu, junto com os outros dons que daria copiosamente, conceder o Espírito Santo. Determinou, portanto, o tempo em que o Espírito Santo desceria sobre nós, isto é, o da vinda de Cristo, prometendo com estas palavras: Naqueles dias, a saber, nos dias do Salvador, derramarei o meu Espírito sobre todo o ser humano»^[1].

Chama-nos a atenção que a Escritura diga explicitamente que Jesus foi para o deserto levado pelo Espírito Santo (cf. Lc 4, 1) e, ao mesmo tempo, que «voltou para a Galileia impelido pelo Espírito» (Lc 4, 14). Se seguirmos o seu exemplo, a nossa fidelidade a Deus será mais livre quanto mais conscientes formos de que se move ao ritmo do Paráclito. «O discípulo deixa-se guiar pelo Espírito, por isso o discípulo é sempre um homem de tradição e novidade, é um homem livre. Livre. Nunca sujeito a

ideologias, a doutrinas dentro da vida cristã, doutrinas discutíveis... permanece no Senhor, é o Espírito que inspira»^[2].

Uma profunda liberdade é o fruto de nos enchermos do Espírito Santo, que nos permite continuar a andar nesta terra como Jesus o fez. Por isso experimentamos «a necessidade de que Jesus Cristo se encontre no centro das nossas vidas. Para descobrir o significado mais profundo da liberdade, temos de O contemplar. Ficamos maravilhados perante a liberdade de um Deus que, por puro Amor, decide rebaixar-se assumindo a nossa carne. Uma liberdade que se revela diante de nós, na sua passagem pela Terra, até ao sacrifício da Cruz. (...). A nossa filiação divina faz com que a nossa liberdade se possa expandir com toda a força que Deus lhe conferiu. Não é emancipando-nos da casa do Pai que somos livres, mas sim abraçando a nossa condição de filhos»^[3].

S. LUCAS diz-nos que Jesus «ensinava nas sinagogas» (Lc 4, 15). O Senhor continua o seu magistério em linha com o que o Antigo Testamento tinha revelado. Ele é, simultaneamente, «o mediador e a plenitude de toda a revelação»^[4], como declarou o Concílio Vaticano II. Por esta razão, os seus ensinamentos enchiam de esperança as pessoas que O escutavam «e todos o elogiavam» (Lc 4, 15).

Com esse pano de fundo, Jesus «veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler» (Lc 4, 16). Jesus cumpria assim o preceito sabático e dispunha-se a fazer a leitura de acordo com o ritmo litúrgico semanal, que incluía a leitura de um texto da *Torah* ou dos Profetas, seguida de um comentário. «Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor”» (Lc 4, 17-19).

Orígenes comenta que «não é por acaso que ele abriu o rolo e encontrou o capítulo da leitura que profetiza acerca dele, mas também isto foi obra da

providência de Deus»^[5]. Jesus começa a sua pregação pública fazendo sua vontade do Pai expressa no Antigo Testamento, levando por diante a missão de evangelizar, de anunciar a boa nova do Reino. Do mesmo modo, também nós queremos ser fiéis às inspirações que Deus nos oferece na oração, na leitura do Evangelho, ou em tantos outros momentos ao longo do nosso dia.

«ENROLOU, depois, o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Começou, então, a dizer-lhes: “Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir”. Todos davam testemunho em seu favor e se admiravam com as palavras repletas de graça que saíam da sua boca» (Lc 4, 20-22). «O próprio Jesus é o “hoje” da salvação na história, porque leva a cumprimento a plenitude da redenção. (...) Este trecho interpela-nos “hoje” também a nós. No nosso tempo dispersivo e distraído, este Evangelho convida-nos a interrogar-nos sobre a nossa capacidade de escuta. Antes de poder falar de Deus e com Deus, é preciso ouvi-l'O»^[6].

Durante os nossos momentos de diálogo com o Senhor queremos seguir o seu exemplo de atenção à Palavra divina revelada na Sagrada Escritura. Podemos deter a nossa atenção, por exemplo, no conselho do apóstolo S. João que a liturgia de hoje recorda: «Nós amamos a Deus, porque Ele nos amou primeiro. Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos d’Ele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão» (1Jo 4, 19-20).

Este amor ao próximo deve traduzir-se em manifestações concretas, como o próprio Jesus indicou na última ceia. «Lavar os pés uns aos outros traz consigo muitas coisas concretas, porque esse limpar de que se fala nasce do carinho; e o amor descobre mil formas de servir e de se entregar a quem se ama. Em termos cristãos, lavar os pés significa, sem dúvida, rezar uns pelos outros, deitar uma mão com elegância e discrição, facilitar o trabalho, adiantar-se às necessidades dos outros, ajudarem-se uns aos outros a comportar-se melhor, corrigir com carinho, tratar-se com paciência afetuosa e simples»^[7].

Pedimos a Nossa Senhora que nos ajude a acolher as inspirações divinas como chamamentos de um Pai que só quer a nossa felicidade; e também que nos alcance do Senhor a graça de amar os nossos irmãos como Jesus, movido pelo Espírito Santo, nos amou.

NOTAS

[1] S. Cirilo de Alexandria, *Sobre o Evangelho de S. João*, 5, 2.

[2] Francisco, Homilia, 01/04/2020.

[3] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 3-4.

[4] Constituição dogmática *Dei Verbum*, n. 2.

[5] Orígenes, *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, 32, 3.

[6] Bento XVI, Angelus, 27/01/2013.

[7] Javier Echevarría, *Eucaristia e vida cristã*, DIEL/Prumo, Lisboa 2009, pág. 82.

7 de janeiro

Reflexão para meditar no dia 7 de janeiro (para os anos em que a Epifania se celebra depois desta data). Os temas propostos são: o sonho de S. José; docilidade e confiança; mover-se dentro dos planos divinos.

Sumário

- O sonho de S. José.
- Docilidade e confiança.
- Mover-se dentro dos planos divinos.

«O ANJO do Senhor apareceu em sonhos a José e disse-lhe: «Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o menino para o matar» (Mt 2, 13). Mal os Magos iniciam a sua viagem de regresso, os sicários que trabalham para Herodes preparam-se para buscar o nascido Rei dos judeus, para o matar. Deus, contudo, adianta-se-lhes, avisa José do perigo e manda-o fugir para o Egito. A determinação é clara: indica o que é para fazer e a razão que aconselha a fuga. O resto, o como e os meios, deixa-os à prudência de S. José. E Deus, por último, adverte-o também de que deve permanecer atento à voz do Anjo, que o vai avisar de quando será de pôr termo à permanência naquele país, em que era estrangeiro.

Pode parecer chamativo que Deus fale em sonhos a S. José, visto que se trata de um momento em que aparentemente não se pode dizer nem responder nada. Durante o sono, o homem encontra-se indefeso, impotente. Podemos recordar que é também nessa altura que Adão recebe a sua esposa: levanta-se para descobrir a novidade de ter uma companhia e uma missão. Na experiência humana do sono, o homem projeta muitas vezes os seus mais belos feitos. Em certo sentido, parece que José deve calar-se, mas realmente enquanto dorme é convidado a abrir-se ao maior sonho: a fazer parte dos planos de Deus.

Quando acorda, S. José não deseja esperar até ao dia seguinte: «Ele levantou-se de noite, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito» (Mt 2, 14). Não devem ter escasseado as dificuldades. Tinham que abandonar a casa de Belém, procurada talvez com grandes sacrifícios. Além disso, a viagem longa impedia de levar consigo coisas muito necessárias e a pressa tornava impossível vender as que sobravam. A perseguição contra o menino nem sequer tinha começado, mas S. José crê firmemente no Anjo e põe-se a caminho. Servo fiel e prudente, o Patriarca escuta a voz de Deus sem procurar outras possibilidades aparentemente mais viáveis. Havia razões para julgar pouco acertada a indicação do Anjo: Porventura a onipotência de Deus não podia salvar de outro modo o menino? Porque tinham de o levar para uma terra estrangeira onde não conheciam ninguém? No entanto, José confia na palavra de Deus.

NÃO DEVE ter sido cómoda a viagem da Sagrada Família para o Egito: vários dias de caminho por sendas inóspitas às costas de um burrinho, com o temor de serem apanhados em fuga; com cansaço e sede, com um futuro incerto, e dúvidas para as quais não havia resposta. Emociona ver como escapam plenamente confiados nos planos de Deus. Santo Agostinho recorda-nos que o Senhor «conhece melhor que o homem o que convém em cada momento, o que há de conceder, acrescentar, tirar, rebaixar, aumentar, diminuir e quando fazê-lo»^[1]. Como vemos em S. José, o lugar onde podemos reconhecer a voz de Deus é o dia a dia; nos encontros diários com Ele através dos nossos momentos de oração; nos acontecimentos da jornada e nas pessoas com quem nos relacionamos; também nas contrariedades e obstáculos que aparecem no nosso caminhar. Pensar na atitude de S. José e na sua disponibilidade para colaborar com os planos de Deus pode ajudar-nos a aumentar o nosso empenho por escutar Deus.

Se a cada uma das inspirações que o Senhor nos dirige respondemos: «Tu o queres, Senhor?... Eu também o quero!»^[2], também assim nos encheremos da mesma confiança que tinha S. José. Desse modo, «como o barro nas mãos do oleiro» (Jr 18, 6), nos pomos nas mãos de Deus para que transforme o nosso coração e para empreender essa grande obra divina que Ele projeta connosco.

ALGUM TEMPO depois de viver no Egito, um Anjo do Senhor apareceu de novo em sonhos a José e disse-lhe: «Levanta-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel, porque morreram os que atentavam contra a vida do menino» (Mt 2, 20). Tinha chegado a altura de deixar aquela terra que lhes tinha dado abrigo para regressar à que Deus escolhera como morada do Messias. Como não podia deixar de ser, José «levantando-se, tomou o menino e sua mãe e voltou para a terra de Israel» (Mt 2, 21). Cumpriu-se assim «o que o Senhor anunciou pelo profeta: *Do Egito chamei o meu filho*» (Mt 2, 15).

José põe ao Seu serviço a inteligência, a vontade e o coração, com sentido de responsabilidade e com protagonismo. Por isso, «tendo ouvido dizer que Arquelau reinava na Judeia, em lugar de Herodes, seu pai, teve medo de ir para lá» (Mt 2, 22), onde a vida do Menino corria perigo. «Aprendeu a mover-se dentro dos planos divinos – diz S. Josemaria – e, como confirmação de que Deus quer o que ele pressentia, recebe a indicação de se retirar para a Galileia (...). Assim foi a fé de S. José: plena, confiante, íntegra, manifestando-se numa entrega real à vontade de Deus, numa obediência inteligente. E, com a Fé, a Caridade, o Amor. A sua fé funde-se com o amor: com o amor de Deus, que estava a cumprir as promessas feitas a Abraão, a Jacob, a Moisés; com o carinho de esposo para com Maria e com o carinho de pai para com Jesus. Fé e amor da esperança da grande missão que Deus, servindo-se também dele – um carpinteiro da Galileia – estava a começar no mundo: a redenção dos homens»^[3].

Por vezes, o Senhor também nos sugere em sonhos, fala-nos em voz baixa e dá-nos espaço para que aprendamos a mover-nos com desenvoltura dentro dos seus planos. Perante as Suas inspirações, podemos pôr em jogo todos os nossos talentos. Deus não se impõe, mas «pede-nos uma obediência inteligente, e temos de sentir a responsabilidade de ajudar os outros com a luz do nosso entendimento»^[4]. Peçamos a S. José e a Santa Maria que nos ensinem a preparar o coração para captar essas chamadas e responder com uma docilidade pronta e inteligente.

NOTAS

[1] Sto. Agostinho, Carta 138, 1, 5.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 762.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 42.

[4] *Ibid.*, n. 17.

Sexta-feira depois da Epifania

Reflexão para meditar na sexta-feira depois da Epifania. Os temas propostos são: os nossos desejos de cura pessoal; Jesus, Médico divino, cura-nos; o diálogo com Ele transforma a nossa vida.

Sumário

- Os nossos desejos de cura pessoal.
- Jesus, Médico divino, cura-nos.
- O diálogo com Ele transforma a nossa vida.

A LITURGIA, agora que começa o ano, ajuda-nos a considerar as principais manifestações de Nosso Senhor. Depois de ter meditado sobre os inícios da vida pública de Jesus na sinagoga de Nazaré, hoje lemos o relato de um milagre carregado de significado teológico. «Aconteceu que, estando ele numa das cidades, se apresentou um homem cheio de lepra» (Lc 5, 12). Sofrer desta doença naquele tempo era uma verdadeira calamidade: as pessoas que sofriam dela eram obrigadas a afastar-se da cidade e a levar campainhas que anunciavam a sua proximidade; dessa maneira, os sãos, ao ouvi-las, podiam afastar-se do perigo de contágio.

No entanto, neste caso, um leproso apresenta-se com audácia diante de Nosso Senhor e dirige-lhe uma petição cheia de fé: «Ao ver Jesus, caindo com o rosto em terra, suplicou-lhe, dizendo: “Senhor, se quiseres, podes limpar-me”» (Lc 5, 12). Com os seus gestos corporais e com a convicção da sua súplica confessa a divindade e a onnipotência de Jesus. Os Padres da Igreja veem a lepra como uma representação do pecado e, assim, a atitude do leproso converte-se para nós num modelo de atuação. No nosso exame pessoal damos-nos conta de que estamos permanentemente necessitados da cura do Médico divino. «A súplica do leproso mostra que, quando nos apresentamos diante de Jesus, não é necessário fazer longos discursos. Bastam poucas palavras, sempre que estejam acompanhadas pela plena confiança na sua onnipotência e na sua bondade. Confiar na vontade de

Deus significa, com efeito, situarmo-nos perante a sua infinita misericórdia»^[1].

«Senhor, se quiseres, podes limpar-me». Podemos repetir esta jaculatória com a fé do leproso, conscientes de que o Senhor nos redimiuiu e está disposto a dar-nos a sua força para nos ajudar a ser bons filhos seus.

A LITURGIA dos últimos dias do Natal une os relatos dos primeiros dias de Jesus com o mistério pascal, que é o desenlace para onde se dirige a Encarnação. Por esse motivo, consideramos agora o poder com que Jesus curava as doenças, manifestação antecipada da redenção dos nossos pecados. «E estendendo a mão, tocou-o dizendo: “Quero, sê limpo”. E imediatamente a lepra o deixou» (Lc 5, 13). Jesus Cristo não só não recusa o diálogo com o leproso, mas toca-o. Não teme contagiar-se, não rejeita o contacto com as nossas misérias. O doente experimenta a misericórdia e a eficácia divina do Mestre quando ouve aquelas palavras que ressoam sempre por trás do sacramento da Penitência: «Quero, sê limpo».

«É Médico e cura o nosso egoísmo se deixarmos que a sua graça penetre até ao fundo da alma. Jesus advertiu-nos que a pior doença é a hipocrisia, o orgulho que leva a disfarçar os próprios pecados. Com o Médico é imprescindível uma sinceridade absoluta, explicar totalmente a verdade e dizer: Senhor, se quiseres – e Tu queres sempre –, podes curar-me. Tu conheces a minha fraqueza; sinto estes sintomas, padeço estas outras debilidades. E mostramos-lhe simplesmente as chagas; e o pus, se houver pus. Senhor, Tu, que curaste tantas almas, faz com que, ao ter-te no meu peito ou ao contemplar-te no Sacrário, te reconheça como Médico divino»^[2].

Continua o Evangelho de S. Lucas: «E ordenou-lhe que não o comunicasse a ninguém; e disse-lhe: “Vai, apresenta-te ao sacerdote e faz uma oferenda pela tua purificação conforme mandou Moisés, para que lhes sirva de testemunho”» (Lc 5, 14). Ao longo dos três anos que os discípulos conviveram com Jesus puderam observar –seguindo umas palavras de S. Josemaria– que «o abismo de malícia, que o pecado leva consigo, foi salvo por uma Caridade infinita. Deus não abandona os homens (...). Este fogo,

este desejo de cumprir o decreto salvador de Deus Pai, enche toda a vida de Cristo, desde o seu próprio nascimento em Belém»^[3]. Também nós podemos ser testemunhas de como o Senhor nos curou com a sua caridade infinita.

DEPOIS desse milagre tão patente, o prestígio de Jesus difundiu-se por toda a região: «Falava-se cada vez mais dele, e ia muita gente para o ouvir e para que os curasse das suas doenças» (Lc 5, 15). No entanto, Jesus não se entregou à popularidade nem a dirigir para si o fruto daquelas ações milagrosas. «Ele, por sua vez, costumava retirar-se para um lugar deserto e entregava-se à oração» (Lc 5, 16). Retirar-se e orar. Após uma jornada apostólica, no meio do fragor do cansaço pelo trabalho, Jesus ensina-nos que a oração é a alma da nossa atuação. «Temos de ser almas contemplativas, e para isso não podemos deixar a meditação – dizia S. Josemaria – (...). Agora parece que temos mais obrigação de ser verdadeiramente almas de oração, oferecendo ao Senhor com generosidade tudo o que nos ocupa e não abandonando jamais a nossa conversa com Ele, aconteça o que acontecer. Se vos comportardes desta maneira, vivereis penderes de Deus durante todo o dia»^[4].

Consolados pela misericórdia com que Jesus cura o leproso, podemos aproximar-nos dos sacramentos e dos nossos momentos de oração mental com muita confiança. «Graças a esses momentos de meditação, às orações vocais, às jaculatórias, saberemos converter o nosso dia, com naturalidade e sem espetáculo, num louvor contínuo a Deus. Manter-nos-emos na sua presença, como os apaixonados dirigem continuamente o seu pensamento para a pessoa que amam, e todas as nossas ações – mesmo as mais pequenas – encher-se-ão de eficácia espiritual»^[5].

Podemos aproveitar estes momentos de diálogo com o Senhor para Lhe pedir que nos dê uma oração que transforme a nossa vida, da mesma maneira que Jesus transformou a do leproso do relato evangélico. A Santíssima Virgem abrir-nos-á a porta do diálogo contemplativo com a Trindade enquanto pedimos: «Senhor, se quiseres, podes limpar-me».

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 22/06/2016.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 93.

[3] *Ibid.*, n. 95.

[4] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, setembro de 1973.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 119.

Sábado depois da Epifania

Reflexão para meditar no sábado depois da Epifania. Os temas propostos são: o batismo para a purificação dos nossos pecados; João Batista conduz os seus discípulos a Jesus; levar as pessoas a Cristo.

Sumário

- O batismo para a purificação dos nossos pecados
- João Batista conduz os seus discípulos a Jesus
- Levar as pessoas a Cristo

NO EVANGELHO de hoje contemplamos Jesus que estava em Jerusalém com os seus discípulos «e batizava» (Jo 3, 22). O batismo como rito de purificação dos pecados estava prefigurado no Antigo Testamento por meio de sinais: a arca de Noé, a passagem do Mar Vermelho, a travessia do Jordão... O próprio Jesus tinha ido àquele rio para manifestar a sua solidariedade redentora, embora não precisasse de o fazer: «Àquele que não conhecera o pecado, Deus O fez pecado por nós para que nos tornássemos n'Ele justiça de Deus» (2Co 5, 21).

S. Paulo relaciona o batismo de Jesus com a morte do Senhor: «Todos os que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte» (Rm 6, 3). De facto, a arte e a espiritualidade oriental representam-no assim: «O ícone do batismo de Jesus mostra a água como um sepulcro líquido, com a forma de cavidade escura, que por sua vez é a imagem iconográfica do Hades, a mansão dos mortos, o inferno. A descida de Jesus a este sepulcro de água a correr –a este inferno –, que O envolve totalmente, é antecipação da descida à mansão dos mortos»^[1].

Também nós somos convidados a reviver esse batismo na morte de Cristo, a carregar a cruz de cada dia para depois ressuscitarmos com Ele. É esse o sentido da expiação que purifica as marcas deixadas pelo pecado na nossa vida.

S. Josemaria recorda-nos que não devemos necessariamente buscar essa purificação em coisas extraordinárias: «Penitência é o cumprimento exato do horário que te fixaste, mesmo que o corpo resista ou a mente pretenda evadir-se com sonhos quiméricos. Penitência é levantes-te pontualmente. E também, não deixar para mais tarde, sem motivo justificado, essa tarefa que te é mais difícil ou custosa.

A penitência está em saber compaginar as tuas obrigações relativas a Deus, aos outros e a ti próprio, exigindo-te, de modo que consigas encontrar o tempo necessário para cada coisa. És penitente quando te submetes amorosamente ao teu plano de oração, apesar de estares cansado, sem vontade ou frio. Penitência é tratar sempre os outros com a maior caridade, a começar pelos teus. É atender com a maior delicadeza os que sofrem, os doentes e os que padecem»^[2].

«LEVANTOU-SE uma questão entre os discípulos de João e um judeu acerca da purificação. Foram ter com João e disseram-lhe: Mestre, O que estava contigo além Jordão, de Quem tu deste testemunho, está a batizar e todos vão a Ele» (Jo 3, 25-26). Os discípulos de João Batista sentem preocupação, que se compreende atendendo ao carinho e admiração que tinham pelo seu mestre, ao verem que o seu prestígio estava em queda devido à popularidade de Jesus. Surge de modo natural a comparação entre os dois batismos, que, no fundo, é uma pergunta sobre a identidade de João e a de Jesus.

«João respondeu: “Ninguém pode receber coisa alguma se lhe não for dada do Céu. Vós próprios sois testemunhas de que vos disse: Eu não sou o Cristo, mas fui enviado diante d’Ele”» (Jo 3, 27-28). João corrige o ciúme dos seus discípulos recordando-lhes o que ele próprio lhes ensinou, a natureza da sua missão. Ele era a voz que anunciava a chegada do Verbo, como o amigo do noivo proclama a presença do esposo: «O que tem a esposa é o esposo, mas o amigo do esposo, que está ao lado e o ouve, enche-se de gozo com a voz do esposo. Esta é a minha alegria e ela é perfeita» (Jo 3, 29).

«João foi um grande educador dos seus discípulos, porque os conduziu ao encontro com Jesus, do qual tinha dado testemunho. Não se exaltou a si mesmo, não quis manter os discípulos vinculados a si mesmo. E no entanto, João era um grande profeta, e a sua fama era enorme. Quando Jesus chegou, ele retirou-se e indicou-O: «Depois de mim virá outro, mais poderoso do que eu... Eu tenho-vos batizado com a água; Ele, porém, batizar-vos-á no Espírito Santo» (Mc 1, 7-8). O verdadeiro educador não vincula as pessoas a si mesmo, não é possessivo. Quer que o seu filho, ou o seu discípulo, aprenda a conhecer a verdade e estabeleça com ela uma relação pessoal. O educador cumpre o seu dever a fundo, mantém uma presença atenta e fiel; mas o seu objetivo é que o educando escute a voz da verdade que fala ao seu coração, e que a siga por um caminho pessoal»^[3].

O EVANGELHO de hoje conclui com uma afirmação rotunda acerca de João Batista, que se converteu em lema para os cristãos ao longo da história: «É necessário que Ele cresça e eu diminua» (Jo 3, 30). Se a causa do pecado original foi a soberba de Adão e Eva, Jesus Cristo redimiu-nos aceitando com humildade a vontade do Pai. O seu exemplo é o caminho para o nosso caminhar na terra, e o lema do Batista é uma forma concreta de levar à prática a aspiração que S. Paulo revela: «Não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim» (Gal 2, 20).

S. Josemaria incorporou esta atitude à sua vida e por isso repetia com frequência que o que lhe era próprio era ocultar-se e desaparecer, que só Jesus devia brilhar: «Senti na minha alma, desde que me propus escutar a voz de Deus –ao pressentir o Amor de Jesus– um desejo de me ocultar e desaparecer; um viver aquele *illum oportet crescere, me autem minui* (Jo 3, 30); convém que cresça a glória do Senhor, e que a mim não me vejam»^[4]. «É a regra da santidade: a nossa humilhação, para que o Senhor cresça (...). A diferença entre os heróis e os santos é o testemunho, a imitação de Jesus Cristo. Ir pelo caminho de Jesus Cristo, o da cruz. Tantos santos acabam tão humildemente. São «os grandes santos»(...) Mas é «também o percurso da nossa santidade». Se não nos deixarmos converter o coração por este caminho de Jesus: carregar a cruz todos os dias, a cruz simples e deixar que Jesus cresça. Se nós não percorrermos este caminho não seremos santos,

mas se formos por esta via todos nós daremos testemunho de Jesus Cristo»^[5].

Ao começar um novo ano, pedimos ao Senhor que nos ajude a avançar por este caminho de serviço e de humildade, por esta nova conversão para imitar Cristo. A Virgem Nossa Senhora disse de si mesma que o Senhor tinha olhado para a sua humildade. Peçamos-lhe que nos ajude a que Cristo cresça em nós. Fazemo-lo com a Oração Coleta da Missa de hoje: «Concedei-nos que a vossa graça nos conforme à imagem de Cristo, em Quem a nossa natureza se uniu à vossa divindade»^[6].

NOTAS

[1] Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007, p. 48.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 138.

[3] Bento XVI, Homilia, 08/01/2012.

[4] S. Josemaria, *Carta 29-XII-1947*, n. 16.

[5] Francisco, Meditações matutinas, 09/05/2014.

[6] Oração Coleta da Missa do sábado da II semana de Natal.

Batismo do Senhor

Reflexão para meditar no domingo depois da Epifania, Festa do Batismo do Senhor (ou na segunda-feira após o domingo da Epifania nos anos em que este calhe no dia 7 ou dia 8 de janeiro). Os temas propostos são: como João, daremos testemunho de Cristo; um apostolado discreto, um a um; semear com a nossa amizade.

Sumário

- Como João, daremos testemunho de Cristo.
- Um apostolado discreto, um a um.
- Semear com a nossa amizade.

«NO DIA seguinte, João viu Jesus aproximar-se» (Jo 1, 29). Nosso Senhor vai ao encontro do Batista como mais um, misturado com aqueles milhares de pessoas que vinham de todos os lados. «Jesus Cristo, que é Juiz dos pecadores, vem para ser batizado entre os escravos»^[1]. Para toda aquela multidão, o carpinteiro de Nazaré era um de muitos. Mas o olhar do Batista descobriu o Filho de Deus naquele peregrino e estava relutante em batizá-lo. «Sou eu quem deve ser batizado por Ti e Tu vens a mim?» (Mt 3, 14). Jesus Cristo insistiu e João, no final, teve que ceder.

«Uma vez batizado, Jesus saiu da água e eis que se rasgaram os céus, e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do Céu dizia: Este é o meu Filho muito amado, no qual pus as minhas complacências» (Mt 3, 14). S. João Paulo II diz que «a pregação de João concluiu a longa preparação, que percorreu toda Antiga Aliança e, poder-se-ia dizer, toda a história humana, narrada pela Sagrada Escritura. João sentia a grandeza daquele momento decisivo, que interpretava como o início de uma nova criação, na qual descobria a presença do Espírito que pairava acima da primeira criação (cf. Jo 1, 32; Gn 1, 2). Ele sabia e confessava que era um simples arauto, precursor e ministro d'Aquele que viria “batizar com o Espírito Santo”»^[2].

Poucos dias depois, João recebeu uma embaixada singular. «Lembraí-vos – perguntava S. Josemaria – daquelas cenas do Evangelho, que narram a pregação de João Batista? Grande alarido que se tinha sido levantado! Será o Cristo, será Elias, será um Profeta? Tanta confusão se armou que “os judeus enviaram sacerdotes e levitas de Jerusalém, para lhe perguntarem: tu, quem és?” (Jo 1, 19). Ele respondeu: “Eu batizo em água; mas no meio de vós está alguém que vós não conheceis. Esse é o que há de vir depois de mim, e eu não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias” (Jo 1, 26-27)».

O Senhor também se nos revelou quando nos fez ver, com a luz do Espírito Santo, que estava ao nosso lado no caminho da vida. Então, como a João, pediu-nos que déssemos testemunho d'Ele.

TODA a vida do Batista foi gasta na espera, no esforço de preparar o seu coração e o dos outros para a chegada do Redentor. Ele era a voz que clama no deserto: «Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas» (Mt 3, 3). Hoje a alegria de João é grande porque o Senhor chegou. Agora pode exclamar: «Este é aquele de quem eu disse: depois de mim vem um homem que é superior a mim, porque era antes de mim» (Jo 1, 30). A nossa tarefa não é muito diferente da do Batista; «Quantas vezes se poderiam dizer (...) aquelas palavras do Santo Evangelho: “No meio de vós está quem não conheceis: Jesus Cristo” (Jo 1, 26). Sem espetáculo, com uma naturalidade sobrenatural, Cristo faz-se presente na vossa vida e na vossa palavra, para atrair à fé e ao amor quem pouco ou nada sabe de Fé e de Amor»^[3].

João dá testemunho de Jesus; uns dias antes, tinha anunciado publicamente que não era o Messias, que o Cristo viria depois. Mais tarde, no círculo íntimo dos seus discípulos, João referiu onde estava o Senhor: «Este é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo» (Jo 1, 29). Era um apostolado pessoa a pessoa que preparava a mente dos seus ouvintes para a chamada divina. Noutra ocasião, de forma mais direta, o Batista indicou a João e André: «No dia seguinte, João estava com dois dos seus discípulos e, vendo Jesus que passava, disse: “Este é o Cordeiro de Deus”. Os dois discípulos ouviram as suas palavras e seguiram Jesus» (Jo 1, 35-

37). Quão eficaz! A palavra do Batista preparou as duas primeiras vocações de apóstolos. Mais tarde, André e João trariam outros.

É fácil recordar algumas palavras de S. Josemaria sobre o apostolado dos cristãos no meio do mundo: «Não sois conhecidos, mas em todos os cantos da terra há colegas e amigos que descobrem nos vossos irmãos, em vós, a Cristo; e então eles também levam Cristo a outros corações, a outras inteligências. Sois Cristo que passa no meio da rua; mas deveis caminhar por onde Ele caminhou»^[4].

MUITOS vieram ao Jordão para ouvir e receber o batismo de João. Para todos haviam, nos lábios do profeta, palavras de luz e a todos preparava para receber o Senhor. Mas também tinha um pequeno grupo de discípulos que formava ao calor de uma conversa direta. E foi justamente desse grupo que surgiram os primeiros discípulos do Senhor.

Cada um de nós conhece muitas pessoas e pode ocasionalmente divulgar a mensagem de Cristo a um público muito amplo através de vários meios. Mas, particularmente adequado para difundir a mensagem cristã é o apostolado a que S. Josemaria chamava de amizade e confiança. Descrevia-o assim: «Haveis de aproximar as almas de Deus com a palavra adequada que desperta horizontes de apostolado, com o conselho discreto que ajuda a olhar um problema de forma cristã; com conversa amigável que ensina a viver a caridade (...). Mas haveis de atrair, sobretudo, com o exemplo da integridade das vossas vidas, com a afirmação – humilde e audaz ao mesmo tempo – de viver de forma cristã, com naturalidade, mas coerente, manifestando, nas nossas obras, a nossa fé: essa será, com a ajuda de Deus, a razão da nossa eficácia»^[5].

O apostolado cristão é serviço, difusão do bem, amizade; preocupação sincera pelos outros, informada pela caridade, que nos leva a transmitir o que nos enche de alegria. Os leigos, de modo particular, são chamados a «uma ação livre e responsável nas estruturas temporais, levando aí o fermento da mensagem cristã»^[6]. O panorama é imenso.

Podemos colocar sob a proteção materna da Virgem as pessoas que estão mais próximas de nós; pedimos-lhe que nos alcance a graça necessária para avivar o nosso desejo de semear a palavra divina através da nossa amizade. «Semeai, pois – dizia S. Josemaria –, garanto-vos, em nome do Senhor da messe, que haverá colheita»^[7].

NOTAS

[1] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de S. Mateus*, 12, 1.

[2] S. João Paulo II, *Audiência Geral*, 11/07/1990.

[3] S. Josemaria, *Carta* de 15/08/1953, n. 11.

[4] S. Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 09/01/1969.

[5] S. Josemaria, *Carta* de 24/03/1930, n. 11.

[6] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 59.

[7] S. Josemaria, *Carta circular* de 24/03/1939.